



RESUMO DO ANO AGRÍCOLA 2022/2023

QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Abril de 2024

CCDR
NORTE

 INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Programação e
Avaliação

Divisões Territoriais da CCDR-N, IP

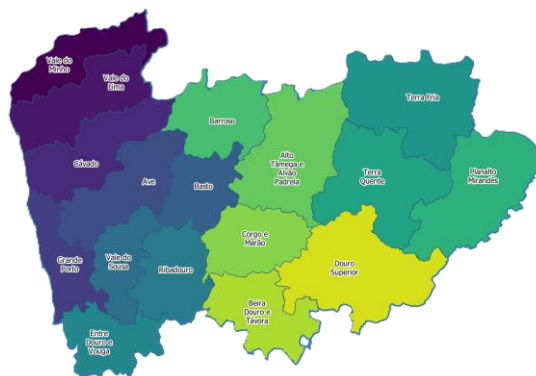
Projeto realizado em parceria com o
Instituto Nacional de Estatística

NOTA PRÉVIA

O Quadro da Produção Vegetal (QPV) e o [Estado das Culturas e Previsão de Colheitas](#) (ECPC) são projetos realizados em parceria com o Instituto Nacional de Estatística (INE), os quais, desde 1945, permitem que seja disponibilizada informação relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o passado dia 1 de janeiro, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

O QPV é realizado anualmente, após o final do ano agrícola, que, por definição, ocorre a 31 de outubro. As culturas que são acompanhadas no ECPC são a principal fonte de informação para a elaboração do QPV. No caso da avaliação das áreas, toma ainda grande relevância a informação do IFAP, IP, relativamente aos dados do Pedido Único.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC e QPV durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS DE OBSERVAÇÃO

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a recolha a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

Do ponto de vista metodológico, a comparação é sempre realizada com as áreas e produções obtidas no ano anterior. Contudo, para facilitar a comparação com um ano normal, optou-se por explicitar este conceito como a média do último quinquénio (2019/2023). Assim, quando no texto é realizada referência ao ano normal, este representa a média do último quinquénio.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS / QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiaped.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Inflorescência da Batateira

Foto por Maria Laura

Resumo

O ano agrícola de 2022/2023 foi, no geral, para as principais culturas, um ano de produtividades e produções totais superiores quando comparado com o ano agrícola anterior 2021/2022, ano marcado por uma seca severa, com sucessivas ondas de calor. No entanto, genericamente, esteve longe de ser um ano com produtividades próximas do que é espectável para a região.

Apesar do ano agrícola ter começado com um outono e início de inverno bastante chuvoso, o abrolhamento das principais culturas e o seu desenvolvimento vegetativo foi realizado em seca severa, sobretudo nas zonas mais interiores. A agravar a situação, outubro de 2023 começou com temperaturas máximas muito elevadas e com grandes amplitudes térmicas, agravando a situação frágil de algumas culturas, nomeadamente nas principais zonas produtoras de castanha em que estas condições foram favoráveis a doenças criptogâmicas. No contexto de alterações climáticas, o investimento público no alargamento geográfico e dos serviços disponibilizados pela rede de avisos torna-se fundamental para evitar desastres económicos como o constatado com esta cultura no ano agrícola de 2022/2023.

Assim, no caso das principais zonas de observação do Entre Douro e Minho, o ano foi normal para a maioria das culturas, uva para vinho, kiwi, mirtilo e principais culturas forrageiras que se aproximaram ou mesmo ultrapassaram a média do último quinquénio. Exceção para a cereja, cujas ondas de calor associadas a vento forte durante o vingamento e chuvas fortes no momento da colheita foram determinantes para a grande diminuição da produção que se verificou. Em algumas zonas de observação desta Região Agrária, como o Vale do Minho, o míldio e a bacteriose (PSA) também condicionaram significativa e respetivamente a produtividade da uva para vinho e do kiwi.

Pelo contrário, as principais zonas de observação de Trás-os-Montes, sobretudo as mais afastadas do litoral, apresentaram reduções significativas na produtividade pelo segundo ano consecutivo, mais visíveis na castanha, cereja, azeitona para azeite, cereais praganosos e culturas forrageiras. A maçã, sendo uma cultura irrigada, foi das poucas culturas permanentes que manteve a produtividade na média do quinquénio. Isto deveu-se ao elevado nível de água nos aproveitamentos hidroagrícolas no início do ciclo vegetativo, que permitiu irrigar sem restrições durante todo o ano. Daqui se comprova a importância do investimento em sistemas de rega baseados no armazenamento das águas superficiais durante o inverno, principalmente nas zonas com baixa pluviosidade.

1. Índice

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura	5
2. Cereais para grão	7
2.1 Entre Douro e Minho	7
2.2 Trás-os-Montes	10
3. Batata	12
3.1 Entre Douro e Minho	12
3.2 Trás-os-Montes	13
4. Proteaginosas	15
5. Frutos frescos	15
5.1 Entre Douro e Minho	15
5.2 Trás-os-Montes	19
6. Frutos secos	22
6.1 Entre Douro e Minho	22
6.2 Trás-os-Montes	24
7. Uva para vinho e de mesa	30
7.1 Entre Douro e Minho	30
7.2 Trás-os-Montes	32
8. Azeitona para azeite e de mesa	34
8.1 Entre Douro e Minho	34
8.2 Trás-os-Montes	35
1. Prados, pastagens e culturas forrageiras	37
8.3 Entre Douro e Minho	37
8.4 Trás-os-Montes	39
9. Fitossanidade	41
9.1 Entre Douro e Minho	41
9.2 Trás-os-Montes	45

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura

O inverno 2022/2023 em Portugal continental classificou-se como muito quente em relação à temperatura do ar e normal em relação à precipitação¹. Nos 3 meses de inverno, os valores médios da temperatura máxima do ar foram sempre superiores ao normal, em especial no mês de dezembro. Em relação à precipitação, destaca-se por um lado a anomalia positiva no mês de dezembro e a diminuição significativa da situação de seca terminando em praticamente todo o território. A primavera em Portugal continental classificou-se como extremamente quente e extremamente seca². Durante os 3 meses de primavera, março a abril, registaram-se valores médios de temperatura do ar superiores ao valor médio, em particular na temperatura máxima, onde se destaca o mês de abril com uma anomalia de + 5.6 °C (a mais alta de sempre). Verificou-se o aumento significativo da área em seca meteorológica e o agravamento da intensidade em especial na região Nordeste. No final da Primavera, todo o território estava em seca meteorológica com 35 % nas classes de seca severa e extrema. O verão em Portugal continental classificou-se como extremamente quente em relação à temperatura do ar e normal (EDM) a seco (TM) em relação à precipitação³. O outono em Portugal continental classificou-se como muito quente em relação à temperatura do ar e muito chuvoso em relação à precipitação⁴. Em termos de seca meteorológica, registou-se a diminuição gradual da área e intensidade da seca em todo o território, terminando no início do outono em várias regiões, entre as quais a Região Norte.

Nos Gráfico 1, Gráfico 2e Gráfico 3 estão espelhados os desvios da temperatura e precipitação em relação à normal climatológica de 1971-2000, respetivamente da Região Norte, Região Agrária do Entre Douro e Minho e Região Agrária de Trás-os-Montes, que evidenciam a concentração das chuvas na época de outono e inverno, mas marcante nas regiões do interior onde se constatou que em nos meses de fevereiro, abril, julho e agosto a precipitação foi praticamente nula.

¹ IPMA, Boletim Sazonal Inverno 2022_2023.

² IPMA, Boletim Sazonal Primavera 2023.

³ IPMA, Boletim Sazonal Verão 2023.

⁴ IPMA, Boletim Sazonal Outono 2023.

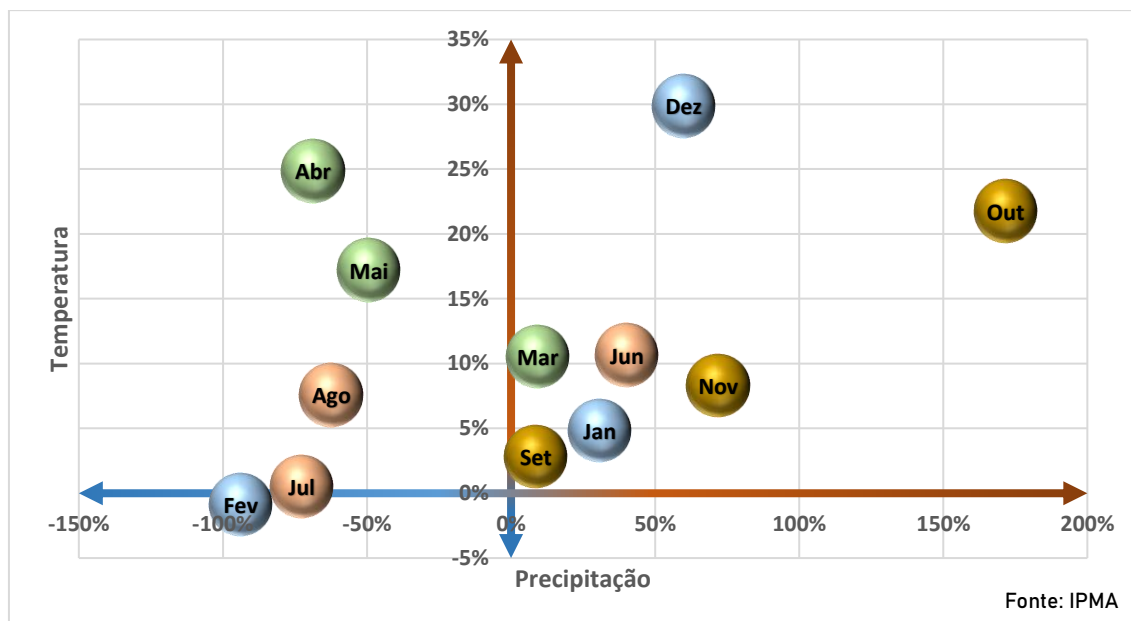


Gráfico 1. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada entre novembro de 2022 e outubro de 2023, face às normais climatológicas (1971-2000).

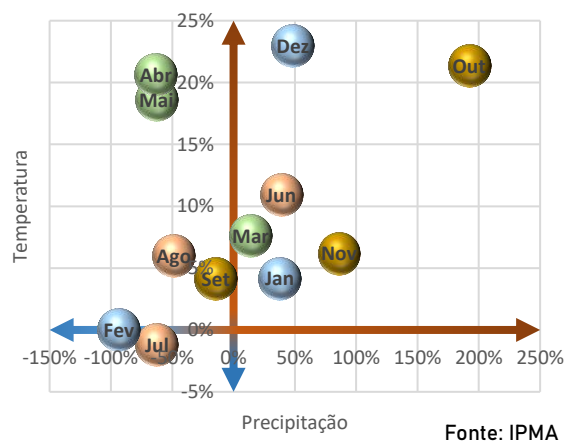


Gráfico 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada no EDM entre novembro de 2022 e outubro de 2023, face às normais climatológicas (1971-2000).

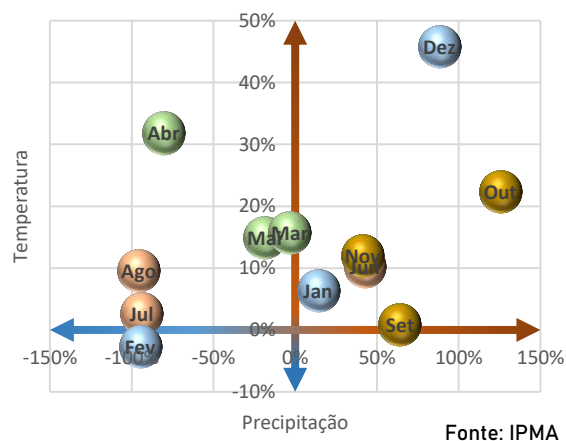
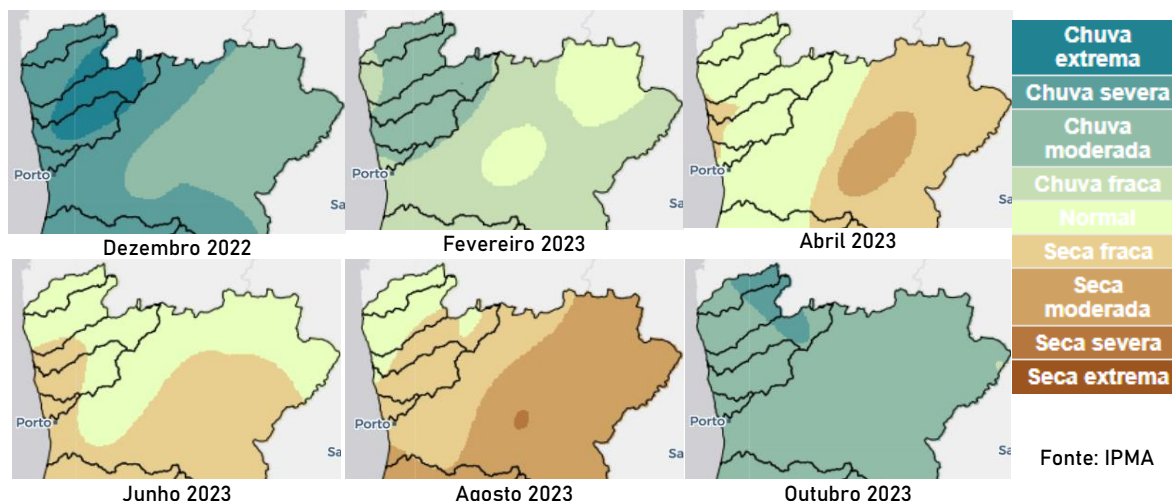


Gráfico 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada em TM entre novembro de 2022 e outubro de 2023, face às normais climatológicas (1971-2000).

O Mapa 1 ilustra a variação do índice PDSI utilizado pelo IPMA para aferir a situação de seca em Portugal Continental. Em consequência deste ano atípico em termos meteorológicos, constata-se que se iniciou e finalizou com muita precipitação (vide dezembro de 2022 e outubro de 2023). No entanto, durante o período de maior crescimento vegetativo das culturas e de maiores necessidades hídricas para o desenvolvimento do fruto, constatou-se uma situação de seca, iniciando logo em abril de 2023 com uma clara clivagem entre regiões agrárias. Em agosto de 2023 a seca era já moderada a severa na generalidade da Região Agrária de Trás-os-Montes.



Mapa 1. Índice PDSI registado durante o ano agrícola de 2022/2023.

2. Cereais para grão

2.1 Entre Douro e Minho

Nos cereais para grão há duas realidades diferentes em que os cereais praganosos ocupam uma área residual (0.13% da SAU), enquanto o milho para grão representa 6% da SAU do EDM.

No início do ano, devido às condições climáticas adversas as sementeiras dos cereais de outono/inverno foram realizadas de forma cautelosa. Apesar dos campos encharcados, as sementeiras efetuadas antes das chuvas desenvolveram-se favoravelmente. Em março, observou-se um bom desenvolvimento vegetativo e afilamento, devido às temperaturas amenas e à humidade que se verificava nos solos.

Áreas anteriormente dedicadas a cereais, estão a ser abandonadas ou a ser convertidas para instalação de vinha ou outras culturas permanentes.

Estas culturas são destinadas quase em exclusivo ao autoconsumo e auto utilização nas próprias explorações. Além da crescente falta de interesse económico, por parte dos agricultores em realizar sementeiras de cereais, por manifesta falta de mercado exceto casos muito pontuais, nota-se a perda de tradições geracionais, como a matança do porco, onde tradicionalmente se utilizava o colmo do cereal para chamear o porco. A falta de mão-de-obra nas explorações agrícolas associada a um natural envelhecimento dos agricultores que ainda cultivam estes cereais tem levado a uma constante diminuição da área semeada.

A aveia para grão teve uma diminuição (-10%) da área semeada, mas manteve uma produtividade igual quando comparados com os valores do ano anterior.

O centeio teve uma diminuição (-5%) da área semeada, assim como uma muito ligeira diminuição (-1%) da produtividade quando comparados com os valores do ano anterior.

O trigo viu a sua área semeada diminuída de uma forma drástica (-57%) mantendo, contudo, a sua produtividade quando comparados com os valores do ano anterior.

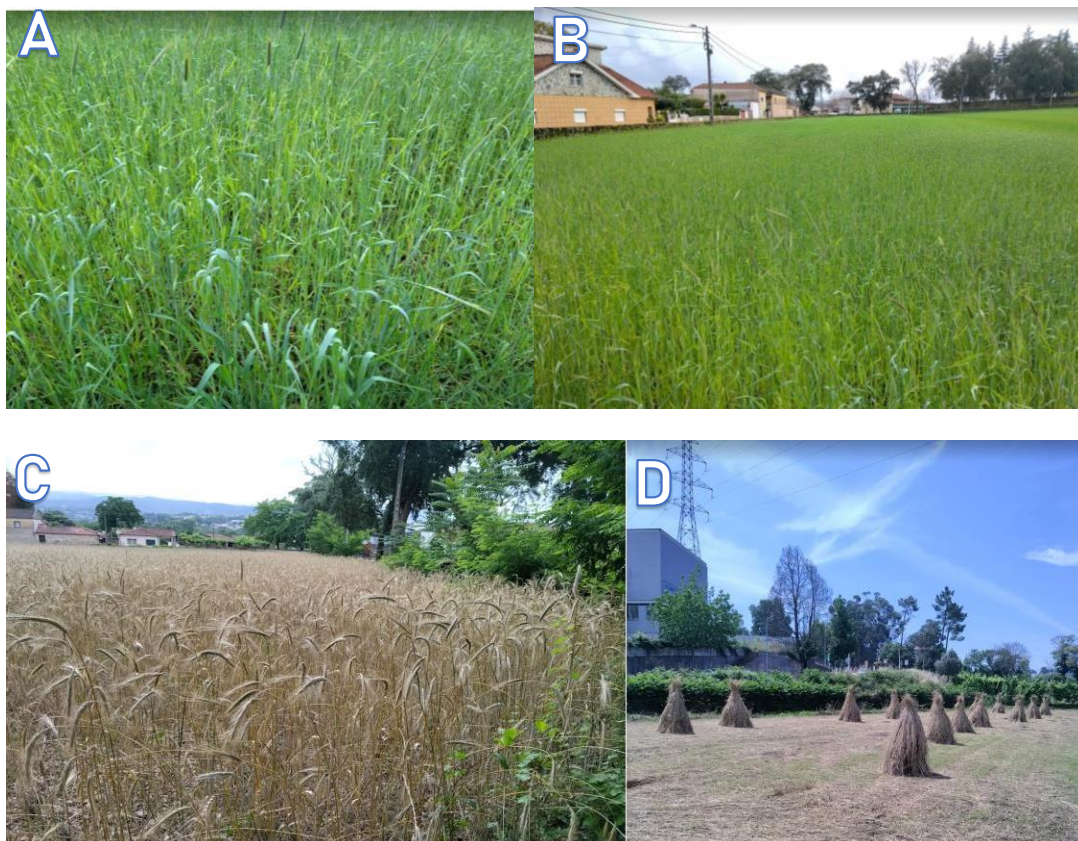


Figura 1. Centeio na fase afilhamento (A), fase espigamento (B), fase maturação da espiga (C) e colheita (D), zona de observação do Cávado.
Foto por Maria Laura

Apesar aos constrangimentos na época de sementeira e de colheita devido aos frequentes períodos de chuva, o ano agrícola foi favorável para os milhos.

Nas zonas de sequeiro, as sementeiras de milho são efetuadas mais cedo, de forma a favorecerem da humidade existente no solo. Por volta de maio, verificaram-se poucas sementeiras de milho de sequeiro, sendo que em junho estava já terminada a maior parte das sementeiras desta cultura. As sementeiras de milho de regadio continuavam a decorrer.

Comparativamente a 2022, e de uma forma geral as plantações de milho de sequeiro e regadio apresentaram um bom crescimento e desenvolvimento vegetativo, com espigas

bem formadas e com produtividades ligeiramente superiores ao ano anterior (+2% do milho de sequeiro e +6% do milho de regadio).

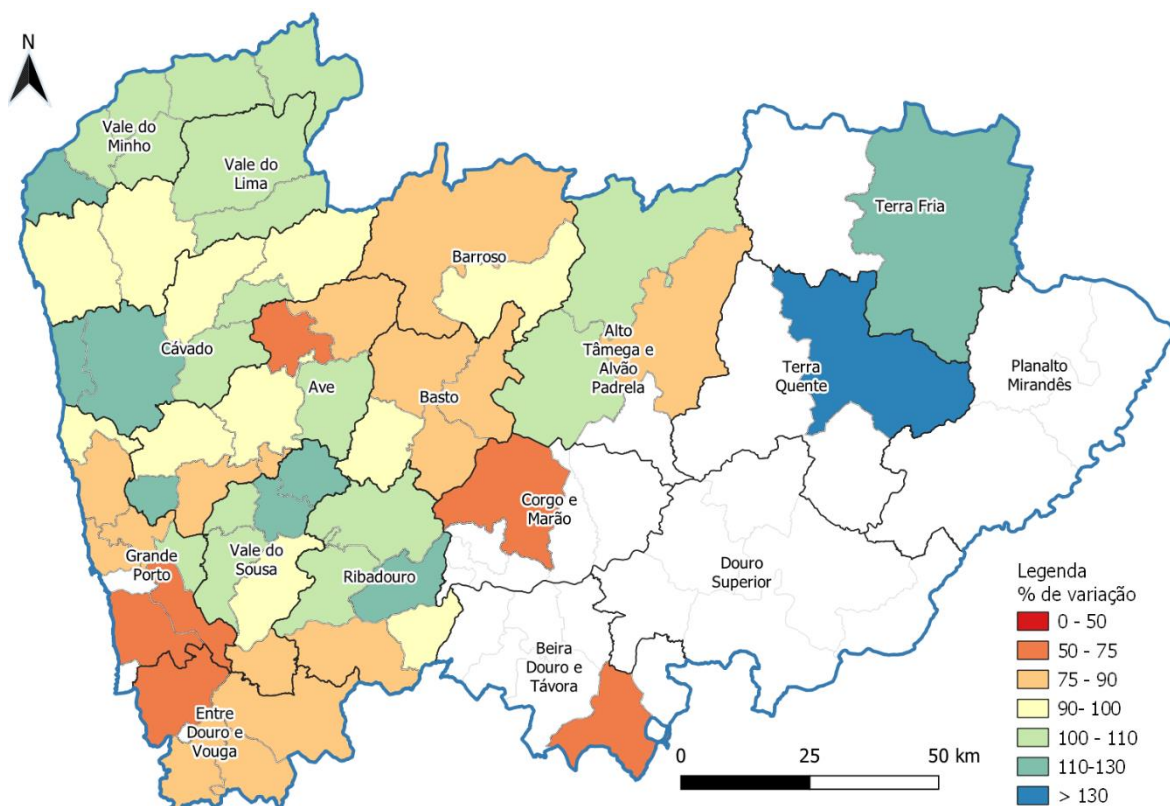
Apesar de se ter verificado uma heterogeneidade no ciclo do milho em outubro as colheitas do milho estavam praticamente finalizadas. Para garantir uma secagem eficaz dos cereais, foram utilizados espigueiros e camaras de secagem pelos produtores de maior dimensão. Em 2023 manteve-se a área semeada de milho para grão quando comparado com os valores do ano anterior.



Figura 2. Estragos provocados por aves em Valença
Foto por Aurora Venade

De assinalar os estragos provocados pelos pássaros, na época de sementeira, obrigando a ressemeiar algumas áreas, e antes da colheita (Figura 2).

Nas áreas semeadas após meados de maio houve problemas de germinação devido à proliferação do alfinete.



Mapa 2 - Evolução da produção global de milho de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

2.2 Trás-os-Montes

Ao contrário do EDM, TM tem maior representatividade nos cereais praganosos para grão quando comparado com o milho grão. Em todo o caso, com a forte regressão da terra arável nas últimas décadas, os cereais praganosos para grão não vão além de cerca de 3% da SAU e o milho grão na chega a representar 1%.

A campanha de colheita dos cereais de outono/inverno decorreu sem percalços, iniciaram em julho e terminaram em agosto. O que tudo indicava no início do ciclo das culturas ser um ano de boa colheita, foi revertido pela ausência de precipitação durante a primavera e por variações térmicas muito acentuadas, nomeadamente no mês de maio. Durante o dia verificavam-se temperaturas de 28°C e noites com arrefecimentos acentuados para temperaturas de 2,2°C e dias muito ventosos. As culturas cerealíferas traduziram-se, numa campanha com baixas produtividades quer em grão quer em palha, as plantas apresentavam pequeno porte e espigas pequenas. Foi notório da parte dos produtores um esforço acrescido, para o aproveitamento ao máximo deste tipo de alimentos, especialmente pelos produtores pecuários uma vez, que estavam perante duas campanhas de baixas produções e se verificava escassez deste tipo de alimentos. Este facto fez disparar o preço da palha e a sua falta no mercado nacional. O grão no geral era pequeno e apresentava baixo peso específico, sem valor para a panificação.

Embora continue a diminuir a sementeira de cereais para grão, o interesse de algumas empresas de panificação por variedades locais tem atenuado a sua queda. No caso da cevada, as pequenas cervejeiras artesanais terão feito mesmo inverter o declínio desta cultura. A realização da 1.ª Jornada dos Cereais do Norte a 28 de setembro de 2022 em Bragança poderá ter dado um contributo para a estagnação do declínio. Da mesma forma, o 1.º Encontro dos Cereais Tradicionais, ocorrido em Bragança em junho de 2023 poderá ajudar à inversão na diminuição da área cultivada, situação a aferir no acompanhamento da presente campanha.



Figura 3 – Cereais de out/inv em 17 maio. 2022
Foto por: Anabela Coimbra



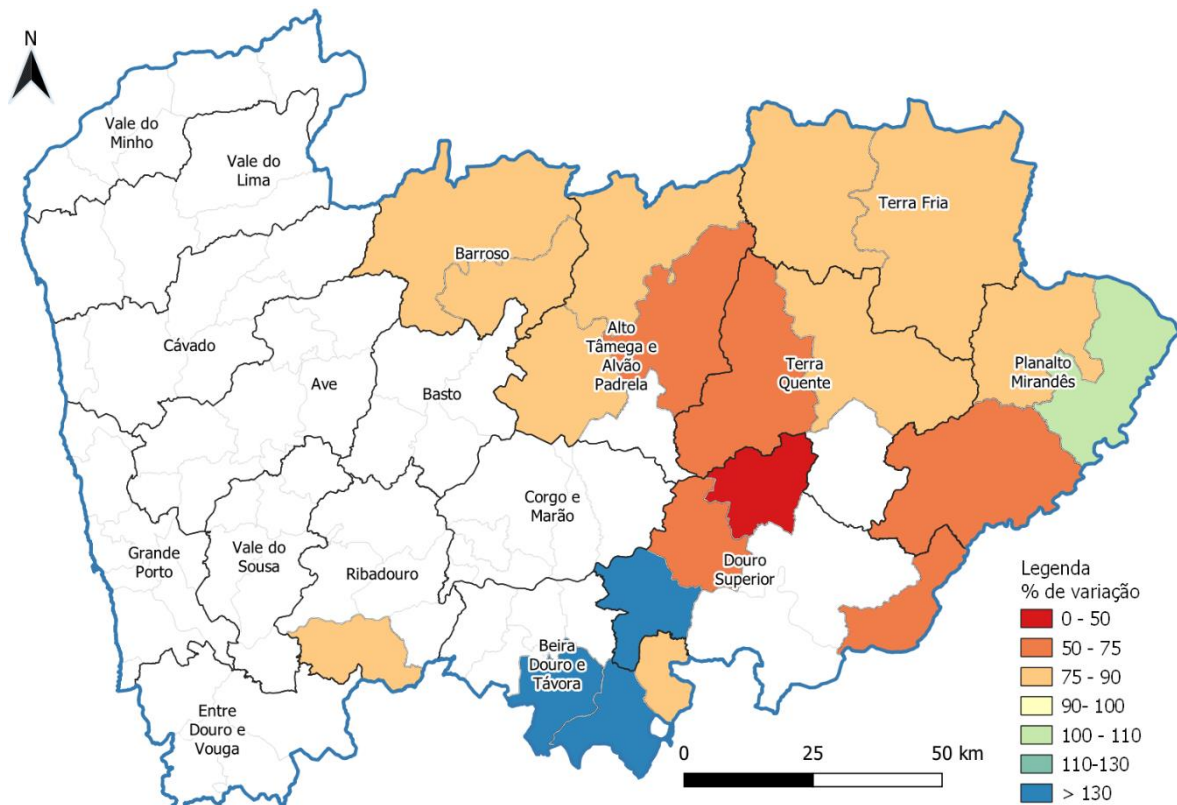
Figura 4 – Cereais de out/inv em 24 de maio 2023.
Centeio em ambas as fotografias na mesma zona de observação – Deilão, Bragança.



Figura 5 - Parcela com centeio em 06 julho de 2023 – Mesma Zona de observação - Deilão, Bragança.

Figura 6 - Aspeto do centeio em 10 julho de 2023.

Foto por: Anabela Coimbra



Mapa 3 - Evolução da produção global de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

A cultura do milho para grão e forragem decorreu dentro da normalidade e estima-se um aumento de produção na ordem dos 10 a 15%, aproximando-se da produtividade de um ano normal (média do quinquénio 2019/2023).

3. Batata

3.1 *Entre Douro e Minho*

A batata de sequeiro, também designada como batata primor é usualmente plantada em dezembro e janeiro para poder aproveitar o teor de humidade do solo que é elevado, normalmente nesta época do ano.



Figura 7. Plantações de batata para autoconsumo
Fotos por Maria Laura



Figura 8. Inflorescência de batata na zona de observação do Lima

A maioria das plantações de batata estão situadas em pequenas áreas e destinam-se para autoconsumo. A idade avançada de muitos agricultores e a falta da mão-de-obra são dificuldades acrescidas e faz com que muitos campos fiquem por cultivar. Desde março as plantações de batata estavam a decorrer a ritmo moderado, com um aumento de área plantada em relação ao ano anterior. Este aumento de área aconteceu pela necessidade de o agricultor conseguir partilhar mais produtos alimentares no seio familiar, de forma a não existir tanta necessidade de comprar nas superfícies comerciais onde de uma forma geral estava tudo muito mais caro.

Porque no ano anterior tinha havido quebra na produção e, em consequência, a batata de consumo tinha um preço elevado, as estimativas faziam prever um aumento de área plantada, o que se confirmou (+6% na batata de sequeiro e +9% para a batata de regadio) quando comparados com os valores verificados no ano anterior. O preço pago ao produtor aumentou e o preço da semente manteve-se em relação ao ano anterior o que provocou um aumento na procura de batata para semente. O aumento da produtividade apenas se verificou na batata de regadio (+4%) enquanto na batata de sequeiro houve uma diminuição

(-6%) da produtividade quando comparados com os valores do ano anterior, uma vez que a batata de sequeiro foi muito afetada pelo míldio. Mesmo que tenham sido oportunos, os tratamentos realizados não foram eficazes em muitas áreas, afetando a parte vegetativa das plantas e, posteriormente, também o tubérculo.

3.2 *Trás-os-Montes*

A colheita decorreu com normalidade embora se tenham verificado, pontualmente, alguns focos de míldio. A produção foi superior à do ano anterior em cerca de 30%, aproximando-se da produtividade de um ano normal (média do quinquénio 2019/2023).

Relativamente à cultura da batata, quer de sequeiro quer de regadio, as produtividades foram superiores ao ano agrícola anterior em média cerca de 7%. Durante o seu ciclo vegetativo as plantas tiveram um ótimo desenvolvimento, no entanto foi necessário um grande aporte hídrico para a cultura, que começou logo em maio com regas sucessivas. As áreas que foram observadas durante o ano são enquadradas em contexto de horta familiar e pouco extensas. A cultura da batata, na maior parte das explorações é feita maioritariamente para autoconsumo. Alguns produtores referiram que a batata teve baixo poder de conservação e que houve muita produção que se perdeu durante os meses de inverno.

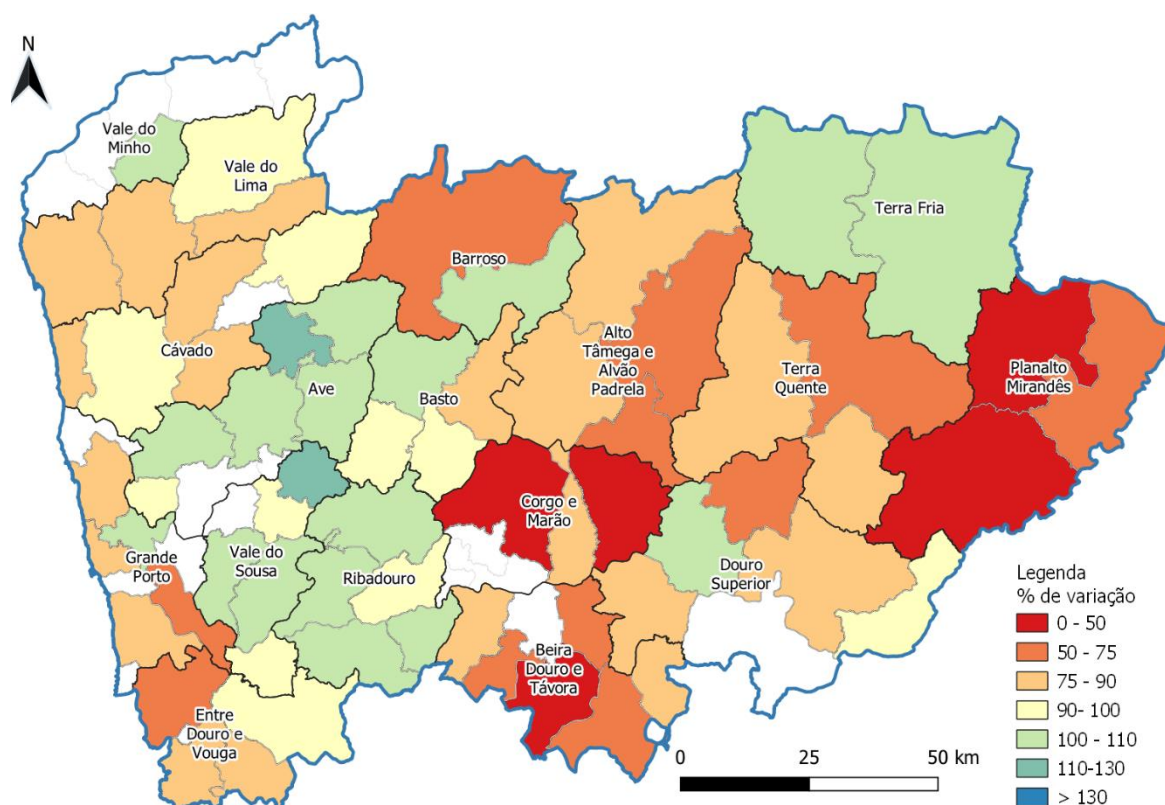


Figura 9- Cultura da batata regime regadio em - junho de 2023 - Rebordãos, Bragança.



Figura 10- Cultura da batata regime sequeiro em junho de 2023- Vinhais, Paçó,

Embora a maior parte da região se tenha aproximado da produção global de um ano (Mapa 4), existem muitos municípios que este indicador tem divergindo negativamente da média do quinquénio. Este resultado negativo tem origem na crescente diminuição de área, pelo que a produtividade da batata superou mesmo essa média.



Mapa 4 - Evolução da produção global de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

De uma forma geral, os produtos agrícolas têm aumentado de preço junto do produtor, embora, proporcionalmente, continua a ser a distribuição a ficar com a maior margem de comercialização. Em todo o caso, o aumento que se constata após a pandemia poderá ter repercussões ao nível da procura da batata (Gráfico 4).

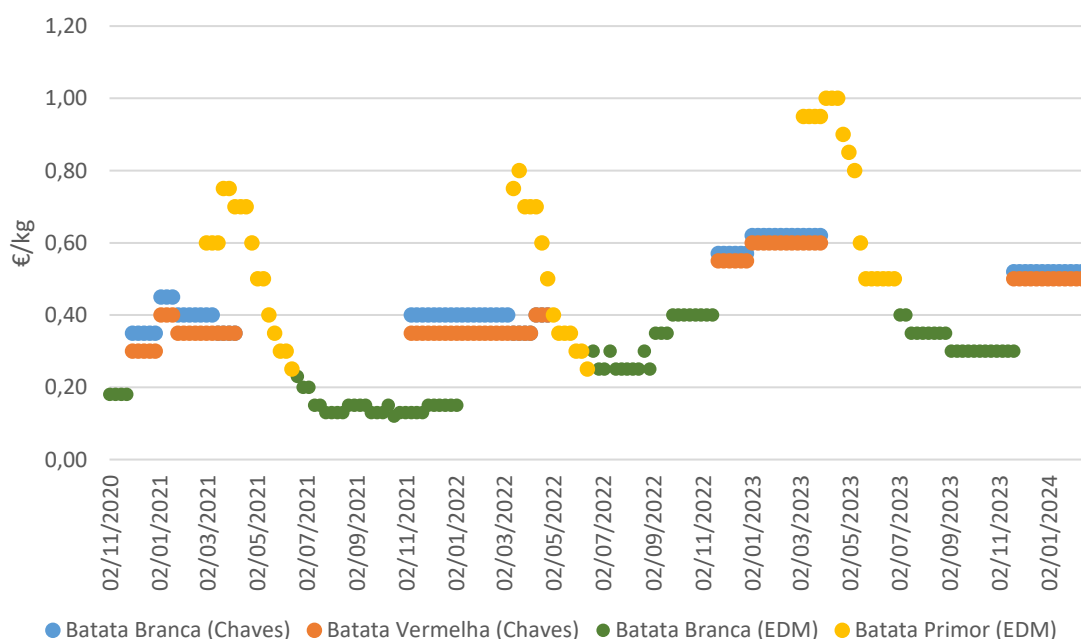


Gráfico 4: Cotações médias (saída de produção) mais frequentes da batata de conservação.
Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA).

4. Proteaginosas

De uma forma geral, as leguminosas para grão têm vindo a diminuir a sua área. Semeadas essencialmente para autoconsumo, essa diminuição tem acompanhado a acentuada diminuição da população nas zonas rurais. Contudo, mercê da ajuda do PEPAC às proteaginosas, com um valor indicativo de 65 €/ha, foram muitos os agricultores de Trás-os-Montes a realizar a sementeira com vista a beneficiarem da ajuda, sobretudo com feijão-frade. Uma vez que este aumento significativo não resulta de um aumento da procura, não é de esperar que a produção de leguminosas para grão venha a sofrer, no imediato, aumentos significativos.

O grão-de-bico praticamente desapareceu como cultura no EDM e o feijão ocupa uma área de 365ha (0.15% da SAU do EDM), cultura que, regra geral, é cultivada na horta familiar, havendo contudo, áreas de produção para o mercado em alguns concelhos ao redor da cidade do Porto.



Figura 11 - Consociação de milho e feijão, zona de observação do Lima. Esquerda- maio. Direita-junho
Foto por Sandra Coelho

Na cultura do feijão é prática corrente o uso de sementes próprias do ano passado, tendo apresentado um bom desenvolvimento vegetativo com frutos de boa qualidade, mas com uma diminuição (-2%) da área semeada mantendo a produtividade igual aos valores verificados no ano anterior.

5. Frutos frescos

5.1 Entre Douro e Minho

As pomóideas ocupam cerca de 530ha que representam 0.21% da SAU do EDM.

A produtividade das pomóideas aumentou (+2%) por comparação com os valores verificados no ano anterior.

Devido às condições meteorológicas, as pomóideas tiveram florações prolongadas, com variedades a florirem só em junho, mas com fraco vingamento associado aos problemas fitossanitários, originando quebras no rendimento.

As prunóideas ocupam cerca de 1150ha representando apenas 0.46% da SAU do EDM.

As prunóideas sofreram ondas de calor com rajadas fortes de vento, o que teve como consequência que a flor secou e caiu, situação que se agravou com chuvas fortes no momento da colheita que levou a que a cerejeira tivesse uma diminuição (-50%) muito acentuada da sua produtividade enquanto a diminuição (-5%) da produtividade no pêsegueo não foi tão acentuada por comparação com os valores verificados no ano anterior.



Figura 12 - Macieira com frutos em crescimento, em Vila Verde, zona de observação do Cávado. Foto por Maria Laura

As culturas do kiwi e do mirtilo têm vindo a ter cada vez mais uma maior importância em termos de área ocupada sendo que em 2023 ocupavam respetivamente 2580ha e 1092ha representando aquela cerca de 1% e esta cerca de 0.43% da SAU do EDM.

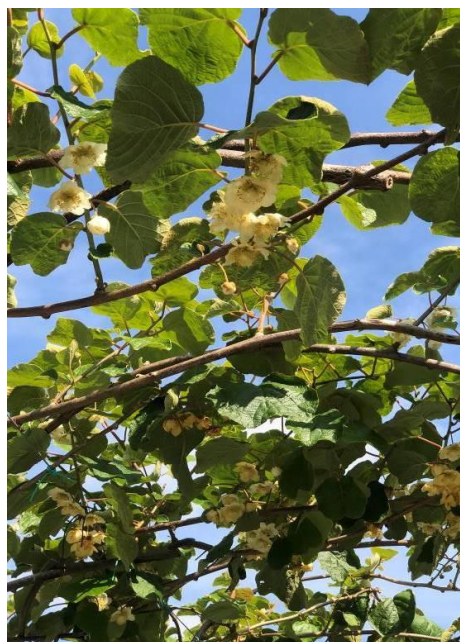


Figura 13 - Kiwi em Valença. Esquerda (maio de 2022). Direita (maio de 2023), observam-se as diferenças na floração, zona de observação do Minho.

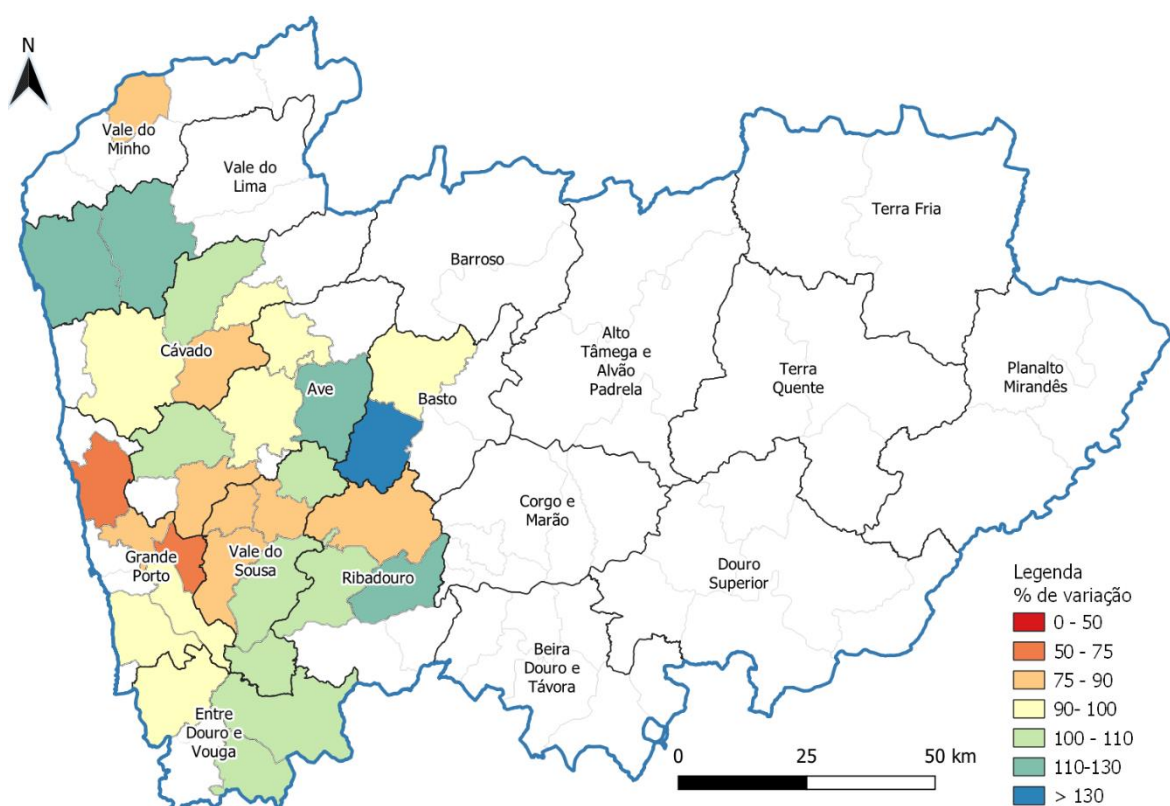
Foto Por Aurora Venade

O kiwi, regra geral, apresentou um bom desenvolvimento vegetativo o que resultou numa produtividade em tudo igual á verificada no ano anterior e ligeiramente superior à média do quinquénio.

Já o mirtilo apresentou um aumento (+3%) da produtividade por comparação com os valores verificados no ano anterior pois a floração e vingamento do mirtilo beneficiaram com as condições climatológicas de março e abril, tendo tido muito fruto vingado e de bom calibre. No início da colheita houve chuva e alguma fruta rejeitada, mas em julho e agosto as condições voltaram a ser favoráveis o que permitiu um ligeiro aumento da produtividade. O valor pago pelo quilograma de mirtilo foi melhor que em 2022, no entanto, ainda não foi o desejado pelo produtor.



Figura 14 - Pomar de mirtilo com muito fruto vingado em fase de colheita, em Paredes de Coura, zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Venade



Mapa 5 - Evolução da produção global de kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

O aumento das cotações do kiwi nas últimas duas campanhas de comercialização são também um motivo para esta cultura manter a sua atratividade (Gráfico 5).

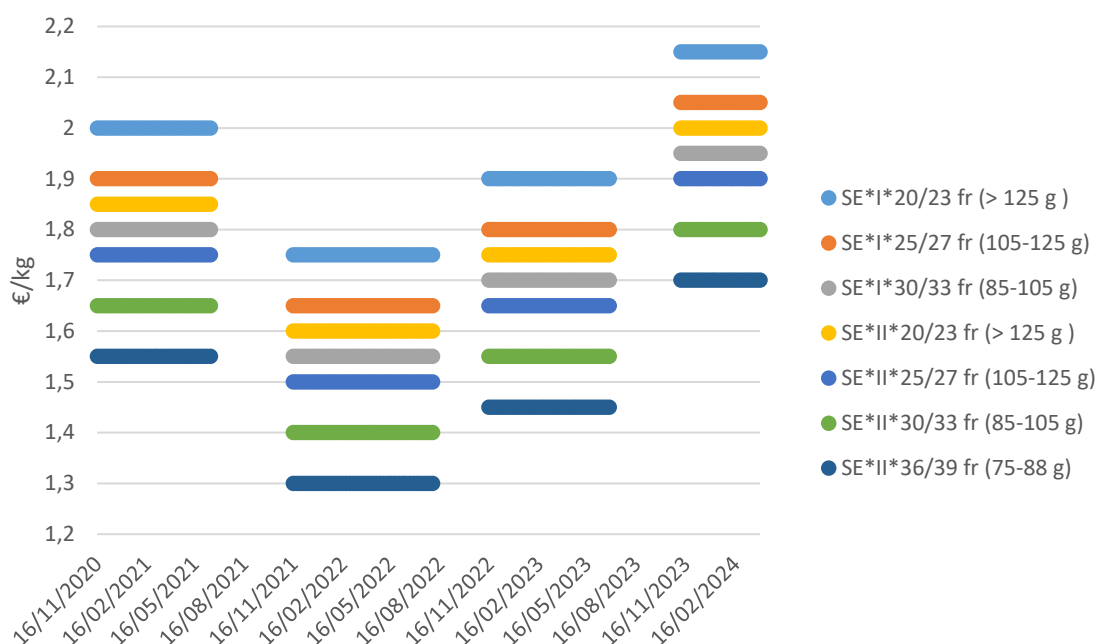


Gráfico 5. Cotações (saída de estação) mais frequentes de kiwi (variedade Hayward) na área de mercado do EDM.

Devido à queda de chuva surgiu o aparecimento de podridões nos mirtilos, o que, associado à picada pela drosófila, origina frutos moles que acabam por rebentar. Essa fruta não tem mercado, seja externo seja interno, e nem sequer é aceite na indústria.

A preocupação dos produtores em relação à necessidade de mão-de-obra foi visível, onde nem sempre foi fácil conseguir trabalhadores suficientes e foi necessário recorrer muitas vezes à ajuda familiar.

Dos citrinos tem-se vindo a verificar um aumento considerável da área de limão. Os 384 ha de laranjal (0.2%da SAU do EDM) tiveram uma produção igual á do ano anterior por se tratarem de pequenos pomares familiares, onde se realizam poucos ou nenhuns tratamentos fitossanitários e cuja produção se destina ao autoconsumo. As condições climáticas deste ano criaram condições ótimas para a proliferação de pragas e doenças, com particular destaque nas laranjeiras, para a mosca do mediterrâneo, (*Ceratitis Capitata*).

Das prunóideas assume particular interesse a cerejeira por estar concentrada praticamente no concelho de Resende. Em 2023 no momento da floração ocorreram fenómenos climatéricos extraordinários como ondas de calor associadas a vento forte e que tiveram como consequência um muito fraco vingamento. Este mau vingamento, associado a fortes chuvadas no momento da colheita, foram determinantes para a grande diminuição (-60%) da produção que se verificou em resende, por comparação com os valores verificados no ano anterior.

Apesar desta diminuição acentuada da cereja produzida, as cotações não sofreram aumentos significativos (Gráfico 6).

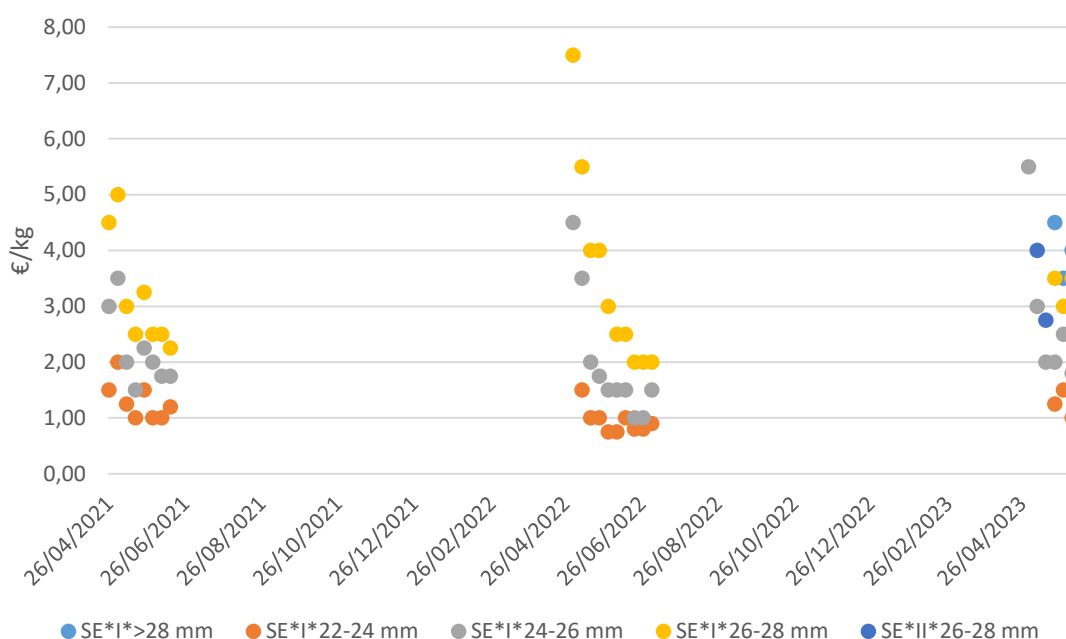


Gráfico 6. Médias aritméticas das cotações (saída de estação) mais frequentes da cereja (categoria I), em função do calibre, na área de mercado de Resende (EDM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

5.2 Trás-os-Montes

O ano de 2023 foi particularmente bom para a produção de maçãs e peras, quer em termos quantitativos, quer em termos qualitativos, atingindo a produtividade média do último quinquénio.

Apesar das temperaturas do ar se terem mantido elevadas e acima da média, a precipitação intensa concentrada nos meses de outubro a janeiro foi suficiente para abastecer as captações hídricas (barragens para rega, charcas, furos, poços, ...) e garantir a irrigação dos pomares nos períodos mais importantes do seu desenvolvimento.

Os baixos teores de humidade do ar reduziram o risco de ocorrências fitossanitárias (nomeadamente o desenvolvimento de doenças criptogâmicas), garantindo a colheita de frutos equilibrados, com bons calibres e boa qualidade (aspetos importantes a ter em atenção durante o período de conservação em frio/atmosfera controlada).

As variedades produzidas em maior escala são a Golden Delicious, a Gala e a Red Delicious. Para além destas, a sub-região da Beira Douro e Távora produz ainda um

volume considerável de maçã das variedades Bravo de Esmolfe, Reineta e Fuji, com outras variedades em menor quantidade – Starking, Pink Lady, Jonagored.

Nesta sub-região estima-se que o aumento de produção face ao ano anterior se tenha situado entre os 18% (no Douro Superior) e os 25% (na Beira Douro e Távora), com uma produção total a rondar as 126 mil toneladas de maçã. Este aumento de produção veio de alguma forma comprometer o escoamento do produto, face à grande oferta disponível no mercado, traduzindo-se em ligeira diminuição das cotações à saída de estação (Gráfico 7).

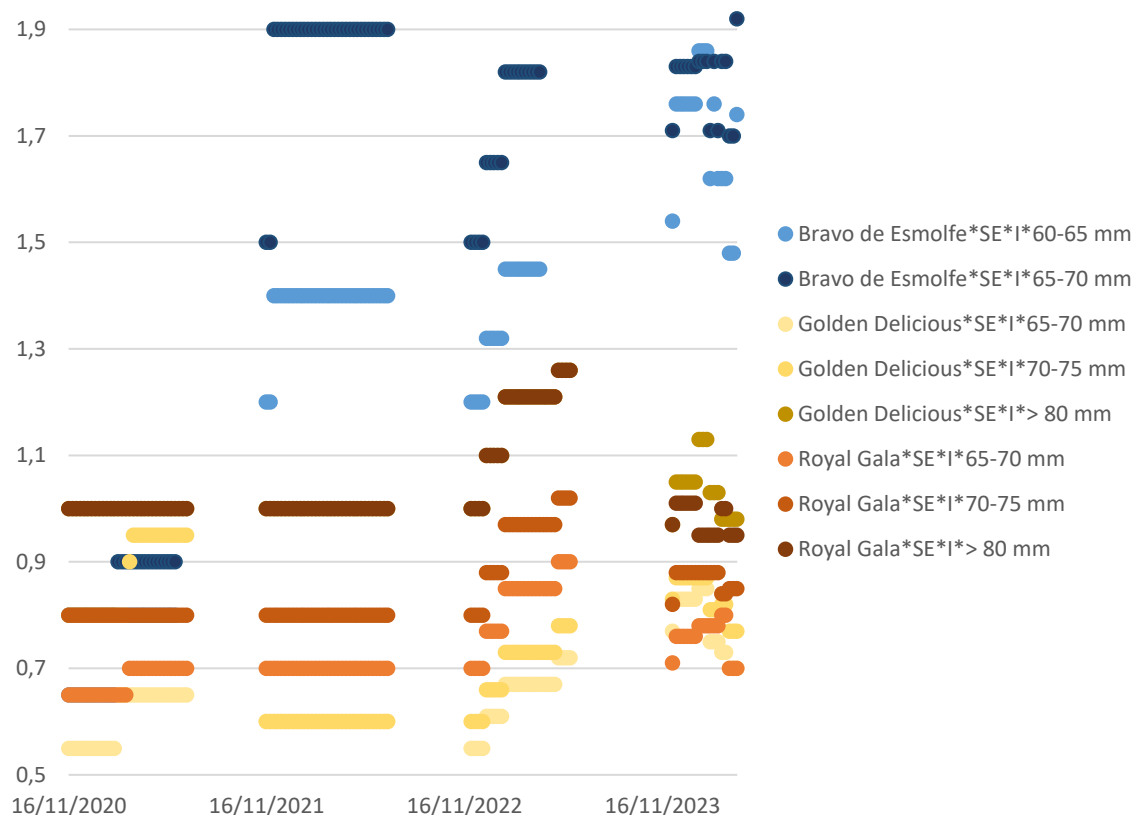


Gráfico 7. Médias aritméticas das cotações (saída de estação) mais frequentes da maçã (categoria I), em função do calibre, na área de mercado do Douro (TM).

A produção de cereja em 2023 sofreu elevadas quebras de produção, associadas às condições climáticas e à presença da mosca da cereja *Rhagoletis cerasi* L.

Se por um lado as elevadas amplitudes térmicas que se fizeram sentir durante a floração dificultaram o vingamento dos pequenos frutos, as temperaturas elevadas que se seguiram impossibilitaram um normal crescimento dos frutos vingados, que atingiram calibres muito reduzidos. Para agravar esta situação, o final do mês de maio trouxe consigo alguma precipitação, provocando o rachamento da cereja – com a consequente

perda de qualidade e capacidade de conservação, mas visível na zona da Beira Douro e Távora onde hoje se concentra a maioria da cereja produzida em TM.

No pomar, o agricultor depara-se cada vez mais com a presença de uma praga-chave, que leva à depreciação da qualidade dos frutos e a à redução dos preços de venda – a mosca da cereja *Rhagoletis cerasi* L. Os adultos deste pequeno díptero fazem as suas posturas diretamente no fruto e as larvas desenvolvem-se na sua polpa.

De um modo geral, as quebras de produção situaram-se nos 30%, com um decréscimo das cotações, devido à fraca qualidade do produto final.

No caso dos pessegueiros, ocorreram geadas na fase de floração das variedades mais precoces, principalmente nas zonas mais baixas e que tiveram uma quebra de produção, que não teve impacto na produção total de pêssegos.

O clima foi mais favorável para as variedades menos precoces, tanto na fase de floração como no vingamento dos frutos. Em algumas zonas de produção, ocorreram algumas oscilações térmicas, nomeadamente baixas temperaturas durante o período da noite, não afetando a produtividade.

O produto final foi de boa qualidade e de ótimos calibres, o que se traduziu em aumento das cotações (Gráfico 8). Verificou-se uma produção muito superior à do ano anterior. A colheita iniciou-se a partir de meados de abril tendo terminado em outubro nas variedades mais tardias.

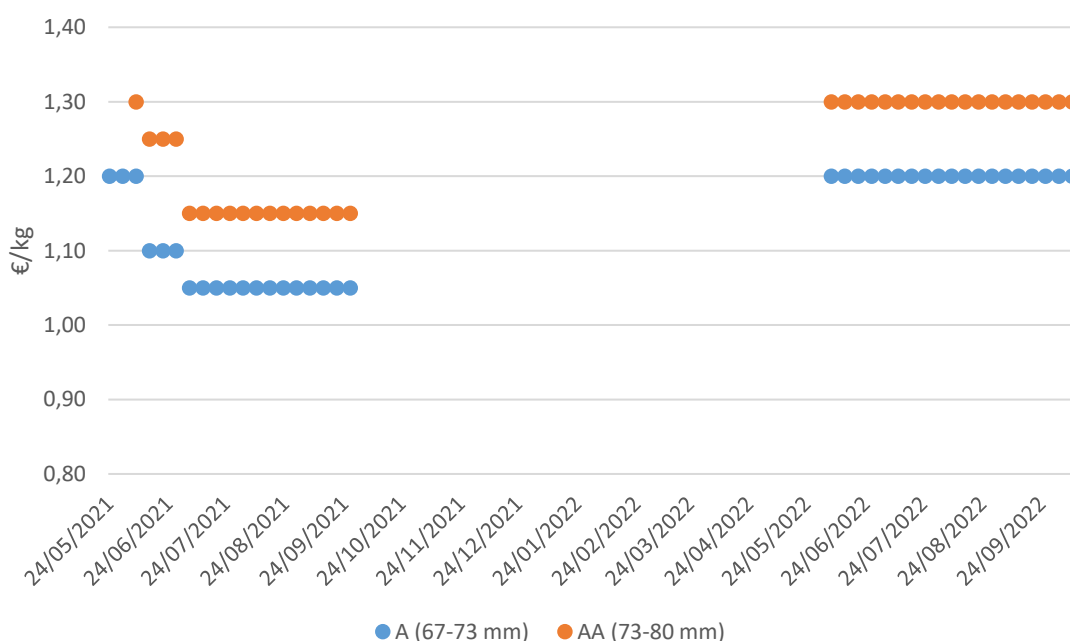


Gráfico 8. Cotações (saída de estação) mais frequentes do pêssego de polpa amarela, em função do calibre, na área de mercado da Vilarça (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística, em colaboração com as Delegações da DRAP Norte

Projeto realizado em parceria com o Instituto Nacional de Estatística

No final de maio/início de junho, apareceram os primeiros figos. As condições primaveris, nomeadamente temperaturas amenas e precipitações anteriores ao vingamento, foram propícias à produção de figo lampo.

Para a variedade de figo vindimo, as condições climáticas não foram as mais favoráveis, principalmente no fim do seu ciclo, em que a precipitação ocorrida em setembro, as humidades e frios noturnos, contribuíram para que os últimos figos não atingissem a maturação, acabando por apodrecer. A campanha de produção/comercialização iniciou-se nos prazos previstos (final do mês de julho). Em plena época de colheita deste produto o excesso de calor afetou o normal desenvolvimento dos frutos, forçando-os a uma maturação mais rápida;

Do ponto de vista fitossanitário, não se verificaram condicionalismos de registo.

Devido aos condicionalismos referidos anteriormente para o figo vindimo, a partir do qual é produzido o figo seco, a produção deste produto foi também afetada. A campanha de comercialização deste produto terminou mais cedo, do que em anos anteriores, pelo facto de, na parte final, não haver tanto figo disponível. É de salientar a maior procura e valorização do figo pingo de mel.

Na presente campanha de comercialização (2023) registou-se o acréscimo da produção total em cerca de +100%, que se deve essencialmente a uma boa produção de figo “Lampo” e simultaneamente à entrada em produção das novas plantações.

6. Frutos secos

6.1 *Entre Douro e Minho*

Do agregado dos frutos secos os que têm expressão no EDM são a castanha e a nogueira cujos cerca de 1660ha representam apenas 0.66% da SAU do EDM, mas que têm tido um elevado incremento nos últimos anos, duplicando a área em apenas uma década.

Os castanheiros apresentaram um aspeto vegetativo saudável, acompanhado por uma notável formação de frutos. Com um bom aspeto vegetativo em que as variedades mais precoces tinham muitos frutos com um bom calibre enquanto nas variedades mais tardias os ouriços estavam mais pequenos, mas de forma abundante.

Em comparação com o ano anterior houve um notável aumento (+150%) da produtividade da castanha enquanto na noz a produtividade se manteve igual por comparação com os valores verificados no ano anterior.

No entanto, o mercado em 2023 não esteve muito recetivo. Apesar da colheita ser realizada com a mão-de-obra familiar, muitos produtores optaram por não efetuarem a apanha, devido ao baixo preço pago pela castanha (menos de 1,20€/kg).



Figura 15 - Plantação de castanheiros em crescimento, Vila Nova de Cerveira, com uma produção ainda residual, zona de observação do Minho.

Foto por Aurora Venade.



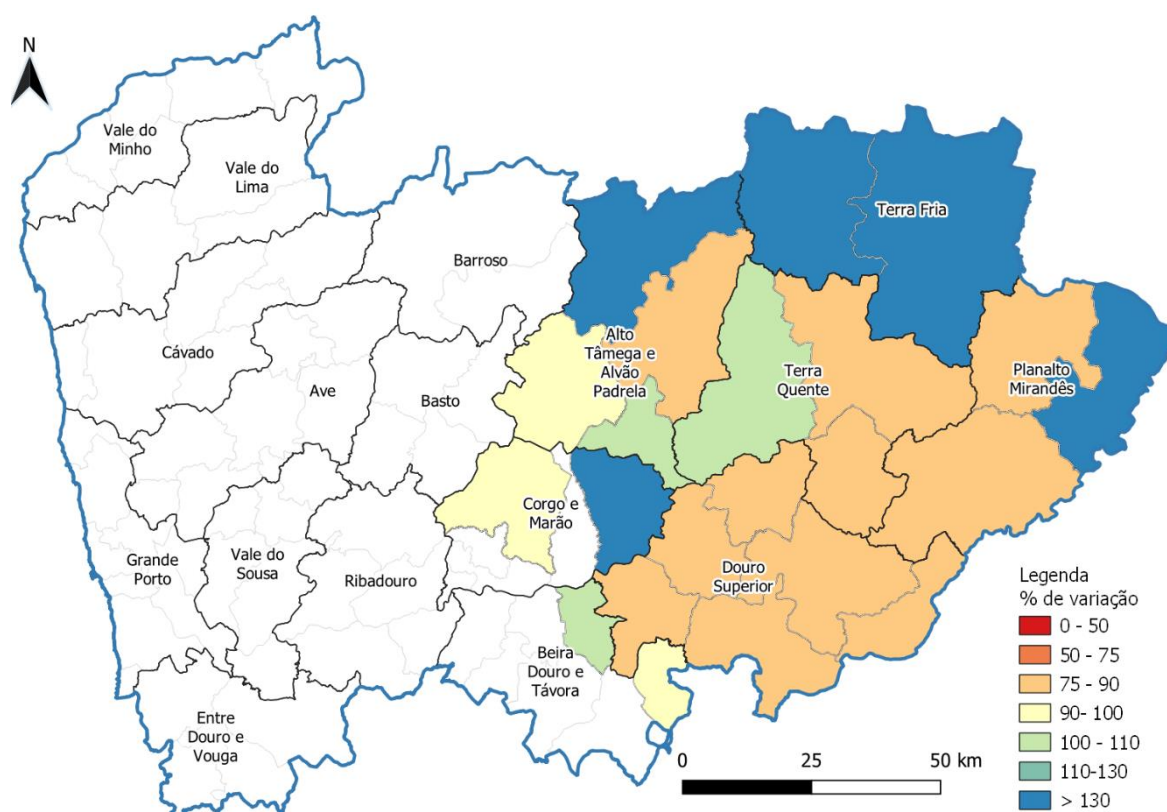
Figura 16 - Ouriços de castanheiro a abrir, zona de observação do Lima

Foto por Sandra Coelho

6.2 Trás-os-Montes

As condições climatológicas na época da floração/vingamento dos frutos (geadas) foram desfavoráveis em algumas zonas para a produção de amêndoa, mas, de uma forma geral, a produtividade aumentou consideravelmente em relação ao ano agrícola de 2021/2022. A precipitação que foi ocorrendo durante o ciclo vegetativo da cultura veio a beneficiar o tamanho do grão e assim melhorar os rendimentos. A produção foi superior 10% a 15% e, para além das condições meteorológicas não tão desfavoráveis em relação ao ano anterior, o valor muito se deve à entrada em produção de novos pomares.

Do ponto de vista fitossanitário, salvo raras exceções, não se atingiram níveis de ataque que justificassem o recurso a tratamentos fitossanitários relevantes. Em todo o caso, como 2021/2022 foi um ano mau para a produção de amêndoa em resultado da seca, genericamente em amendoais de sequeiro, este ligeiro aumento da produção ainda não foi suficiente para atingir a média do último quinquénio, com a produção global a situar-se 9% inferior a esse valor de referência. Como as cotações foram ligeiramente inferiores ao ano anterior, a campanha traduziu-se, mais uma vez, em fraco rendimento para os produtores.



Mapa 6 - Evolução da produção global de amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

Como se pode verificar no Gráfico 9, observou-se uma ligeira diminuição da cotação da amêndoa com casca (-2,2%), relativamente à campanha anterior.

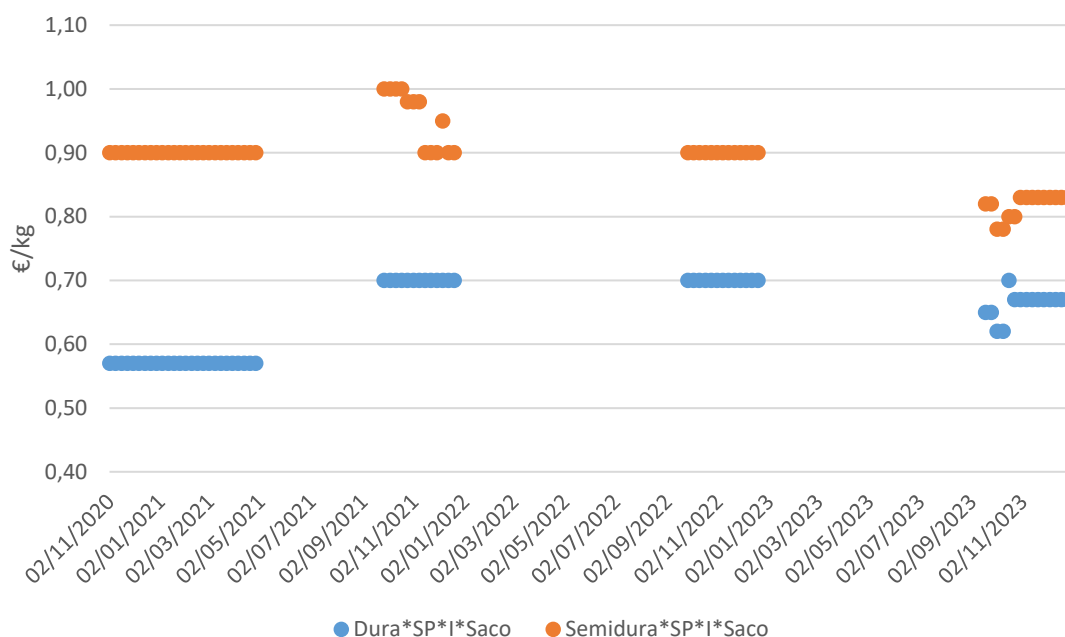


Gráfico 9. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da amêndoa com casca, na área de mercado do Douro (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Em relação à noz e avelã, todas elas foram mais produtivas, o aumento da produção total também foi significativo face a campanha anterior, sobretudo na Terra Fria, zona onde se situa a maior parte da área. É de referir que estas culturas têm tido um aumento de área significativo nos últimos anos, assim como é evidente que cada vez existem mais pomares jovens, a entrarem em produção. A campanha de recolha da noz e da avelã, foi mais longa que o habitual. Foi marcada por fortes períodos de precipitação e ventos fortes, que provocaram a queda dos frutos, o que dificultou a operacionalização das máquinas agrícolas para efetuarem a apanha e a secagem destes frutos. No caso da noz, os custos de secagem foram em muito superiores em relação ao ano anterior.

Tanto a noz (Figura 17 e Figura 18) como a avelã, os frutos apresentavam maior calibre e com miolo de excelente qualidade.



Figura 17 - Aspeto da noz no secador, outubro 2022 variedade franquette - Quintela - Vinhais.
Fotos por Anabela Coimbra

Figura 18 - Aspeto da noz no secador, outubro 2023

Para o fruto castanha, desde o início do ciclo vegetativo do castanheiro, até ao mês de setembro tudo indicava que estávamos perante uma campanha de excelência, tanto em produção como em qualidade. A descida de temperatura no mês de setembro e a precipitação ocorrida no final de agosto e de setembro melhoraram em muito o estado vegetativo do castanheiro. No geral as plantas estavam cerca de 15 dias atrasadas no ciclo vegetativo quando comparado com o ano anterior (Figura 19 e Figura 20).



Figura 19- Castanheiro em plena frutificação, em julho de 2022 Terroso, Bragança
Fotos por Anabela Coimbra



Figura 20 - Castanheiro em plena frutificação em julho de 2023 no mesmo local

No entanto, num ano em que a perceção quantitativa se antevia particularmente boa para a cultura da castanha, a campanha ficou marcada pelas quebras acentuadas na qualidade e quantidade do produto.

A *podridão da castanha* (*Gnomoniopsis smithogilvyi*) e a *septoriose* (*Mycosphaerella maculiformis*) foram os fungos responsáveis pelas quebras de produção e pela depreciação qualitativa da castanha produzida nos soutos da Região Norte.

Enquanto a podridão afetou os frutos – que em corte se apresentavam enegrecidos e com um sabor a mofo – a *septoriose* levou à queda antecipada dos ouriços, mesmo antes da frutificação ou amadurecimento das castanhas.

O desenvolvimento destes fungos foi propiciado pelas condições climatéricas ao longo do verão e início de outono. Efetivamente, o início do mês de outubro foi muito quente com temperaturas muito elevadas e com a humidade que existia, reuniram-se condições para ataques de *septoriose* nos castanheiros, o que impediu que a planta terminasse o seu ciclo vegetativo e a maturação dos frutos. No início do mês de outubro os castanheiros começaram a ficar com a folha enrolada sobre a nervura central e a mesma começou a apresentar manchas castanhas e rebordo amarelo. Com o decorrer dos dias de outubro estas manchas começaram a estender-se aos ouriços (Figura 21 e Figura 22).



Figura 21- Aspetto dos ouriços, em 22 setembro 2023, Vilar de Ossos, Vinhais.



Figura 22 - Aspetto dos ouriços, em 10 outubro 2023 (mesmo ramo)



Figura 23 - Aspetto da castanha, em 23 outubro 2023, Vilar de Ossos, Vinhais. Defeito de 100% (em três castanhas, duas estavam bichadas e uma já tem uma pequena mancha castanha).



Figura 24 - Aspetto da qualidade da castanha cortada para teste, em 23 outubro 2023 -

As folhas começaram a cair e os ouriços pararam o seu crescimento e gradualmente começaram também a cair, fechados com a castanha no interior, sem terem terminado a sua maturação, nomeadamente nas variedades temperãs: boa ventura; galega; martainha e aveleira, o que dificultou a apanha deste fruto, tanto de forma manual como mecânica.

Segundo declarações de alguns responsáveis das unidades de comercialização local, no início da campanha verifica-se alguma procura, mas a oferta era baixa e o preço estava baixo, porque a castanha não estava em bom estado fitossanitário e tinha baixo poder de conservação. Todos os frutos rececionados nas unidades de comercialização

apresentam bastante defeito, as amostras feitas assumem sempre valores muito elevados entre 50% a 60% de defeito (manchada de castanho e alguma bichada).

A meio do mês de novembro a situação melhora consideravelmente quando os produtores iniciam a apanha da variedade longal, que apresentava melhores condições fitossanitárias. No entanto o preço mantinha-se mais baixo que o normal para este produto e para a região.



Figura 25 - Amostragem do estado fitossanitário de castanha da variedade judia, numa unidade de comercialização da terra fria - Bragança (50% de defeito).

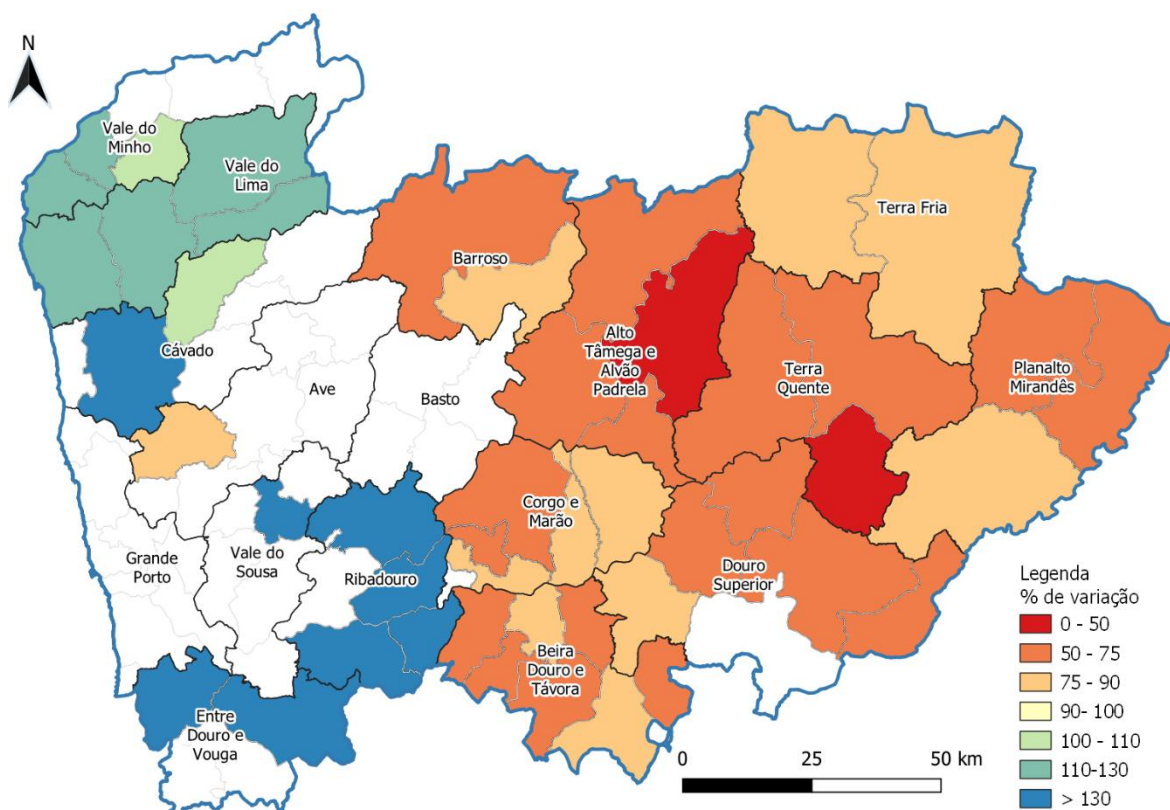


Figura 26 - Apanha mecânica em souto de castanheiro, variedade longal em novembro de 2023 - Moreda, Bragança.

Os produtores de modo geral atrasaram a apanha e apenas fizeram uma passagem pelos soutos. Justificam que os fatores de produção estão muito elevados e o preço pago pela

castanha não é convidativo à apanha. Estamos perante uma campanha com produtividades e produção total superior ao ano anterior (ano de seca 2022), no entanto muito inferior ao normal nas três áreas de produção, Terra Fria, Padrela e Soutos da Lapa. A qualidade da castanha foi má, a pior dos últimos anos. Há relatos de produtores que dizem nunca terem assistido a uma campanha com frutos de tão má qualidade. Existem relatos de alguns produtores, que garantem ter diferentes variedades de castanha, sendo que a longal é a castanha que está em melhores condições fitossanitárias, que será a variedade que melhor resistiu ao fungo da *septoriose*. Na Terra Fria identificam a variedade martainha, cota e judia como sendo as que apresentam pior qualidade. A campanha foi mais longa e arrastou-se até dezembro. Segundo os comerciantes locais 70% da castanha recebida nas unidades de transformação foi transformada e só cerca de 30% terá sido consumida em fresco, resultado da qualidade do fruto.

Em balanço final esta campanha foi desastrosa, teve um forte impacto na economia da região, uma vez que este é um dos produtos de grande representatividade nas diferentes explorações agrícolas, o preço de venda deste produto ao longo da campanha esteve sempre muito baixo. A qualidade da castanha era má e tinha baixo poder de conservação. O que equilibrou mais a produção apesar de baixa, foi a última castanha a ser colhida ser a longal, que, por sua vez, era a que apresentava melhor calibre e mais resistência ao fungo.



Mapa 7 - Evolução da produção global de castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

A depreciação dos frutos que chegaram ao mercado levou a que a cotação da castanha tenha sido muito inferior à do ano anterior, que tinha tido um aumento constante desde o ano da pandemia (Gráfico 10 Erro! A origem da referência não foi encontrada.).

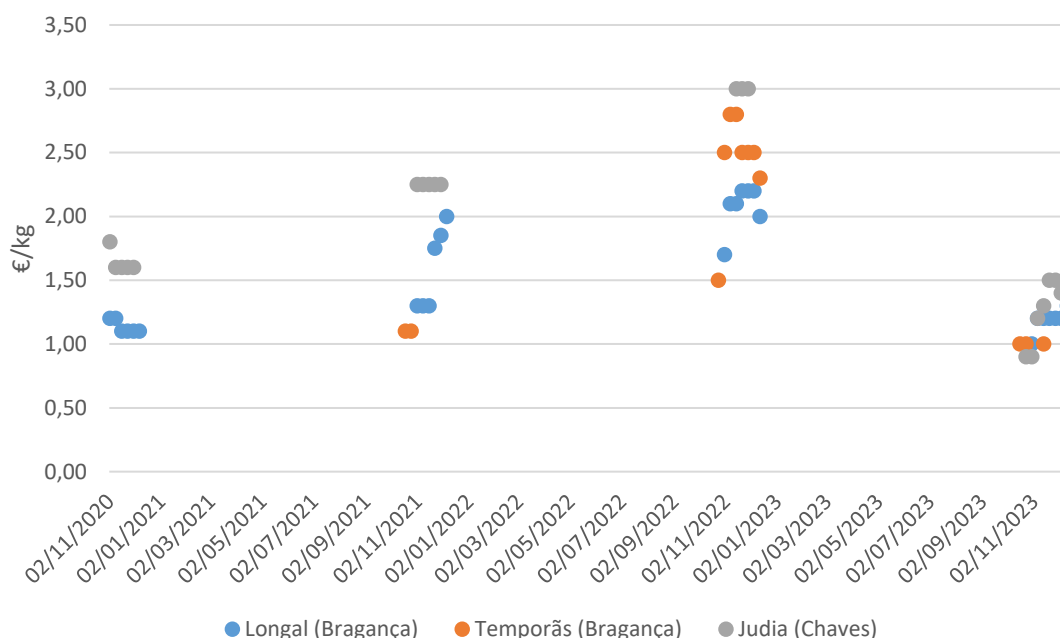


Gráfico 10 . Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da castanha, nas áreas de mercado de Bragança e Chaves (TM).

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

7. Uva para vinho e de mesa

7.1 Entre Douro e Minho

É sem dúvida uma das principais culturas permanentes do ponto de vista económico assim como da área ocupada (9% da SAU do EDM).



Figura 27 - Esquerda- cacho da casta Vinhão. Direita-Cacho de casta Loureiro, na zona de observação do Lima

Fotos por Sandra Coelho

Na região do Alvarinho o ciclo vegetativo da vinha iniciou-se, como é normal, em março, e com uma rebentação bastante heterogénea. No entanto, o vingamento foi bom, apesar de se ver algum desavinho e consequente bagoinha. As condições climatológicas de abril levaram ao aparecimento das primeiras manchas de míldio, cuja gravidade foi aumentando ao longo de todo o ciclo vegetativo, principalmente no início do pintor, onde eram visíveis os estragos no cacho. A oportunidade, o correto posicionamento dos tratamentos e o uso de produtos e das doses recomendadas, assim como a manutenção das vinhas limpas e com desfolhas adequadas, foram determinantes para controlar a doença.



Figura 28 - Vinha na floração, em Valença.
Foto por Aurora Venade.

As temperaturas muito elevadas de agosto anteciparam a colheita, que se iniciou ainda no final deste mês. Em algumas zonas afetadas pelo míldio a vindima foi, como se esperava, muito trabalhosa, uma vez que, nessa sequência, vieram as podridões, obrigando à limpeza dos cachos. Em algumas áreas acabou por não se realizar a vindima, por não se justificar.

No Vale do Minho as quebras de produtividade foram de 10% por comparação com valores verificados no ano anterior, sendo que, nas vinhas em modo de produção biológica (MBP), a quebra foi superior a 50%. Realça-se, no entanto, a boa qualidade da uva produzida, com graduações elevadas e acidez dentro dos parâmetros normais.



Figura 29 - Podridão no cacho, cuja uva ficou por vindimar, por não se justificar, Valença.
Foto por Aurora Venade.

A região continua com boas perspetivas na comercialização dos vinhos aqui produzidos, seja para o mercado nacional, seja para o internacional.

Na restante sub-região do EDM as vinhas em abril estavam com um bom desenvolvimento vegetativo, muito devido às temperaturas e chuva, que influenciaram os processos fisiológicos de desenvolvimento da videira.

Em maio, a casta Loureiro tanto no modo de produção convencional como no modo de produção biológico apresentou diferentes estados fenológicos devido a diferentes momentos de realização das podas, dos locais das vinhas, e também pelas noites mais frias, tornando o

processo de floração mais lento. A casta Vinhão nessa altura estava em botões florais separados, pois demora sempre mais que as castas brancas.

Apesar das condições meteorológicas terem sido favoráveis ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas, os viticultores que começaram os tratamentos mais cedo controlaram melhor o míldio e o oídio.

Devido à forte precipitação e temperaturas propícias ao desenvolvimento de doenças fúngicas, observaram-se infeções de míldio, principalmente nos novos lançamentos e no interior do bago (*Rot Run*), resultando em perdas de produção. Nas vinhas jovens observaram-se ataques na zona dos pânpanos.

Os produtores convencionais aumentaram o número de tratamentos para prevenir a perda de produção. Nas vinhas biológicas os tratamentos preventivos foram efetuados praticamente todas as semanas com produtos à base de cobre, enxofre ou outras substâncias permitidas.

Notou-se uma heterogeneidade no processo de maturação, tanto na casta Loureiro, como no Vinhão.

O início das vindimas, foi antecipado cerca de uma semana, começando ainda no fim de agosto e entraram no mês de setembro a bom ritmo, apesar das chuvas verificadas na 2ª semana deste mês. Verificaram-se cachos com vestígios de míldio, desidratação e depois das chuvas começaram a aparecer alguns bagos de uva podres. Houve registo de falta de mão-de-obra que de ano para ano piora.

A produtividade da uva para vinho aumentou cerca de 3% enquanto a uva para mesa, que ocupa apenas 22ha em todo EDM, teve uma diminuição acentuada (-12%) da produtividade por comparação com os valores verificados no ano anterior.

7.2 Trás-os-Montes

Em 2023, um pouco por toda a Região, as condições climáticas permitiram atingir boas produções em termos de quantidade e qualidade das uvas que chegaram às inúmeras adegas da região, embora 5 % inferiores à média do quinquénio.

As temperaturas elevadas associadas a períodos de maior precipitação bastante pontuais reduziram as ocorrências de doenças criptogâmicas, que normalmente se revelam o maior problema sanitário das vinhas.

Apesar dos fenómenos de queda de granizo que ocorreram em finais de maio, o vingamento dos frutos foi bom e o desenvolvimento das plantas ocorreu de forma regular, traduzindo-se num ano de grande quantidade de uvas, com boa qualidade. Contudo, os preços não acompanharam esta tendência, tendo ocorrido queda nas cotações.

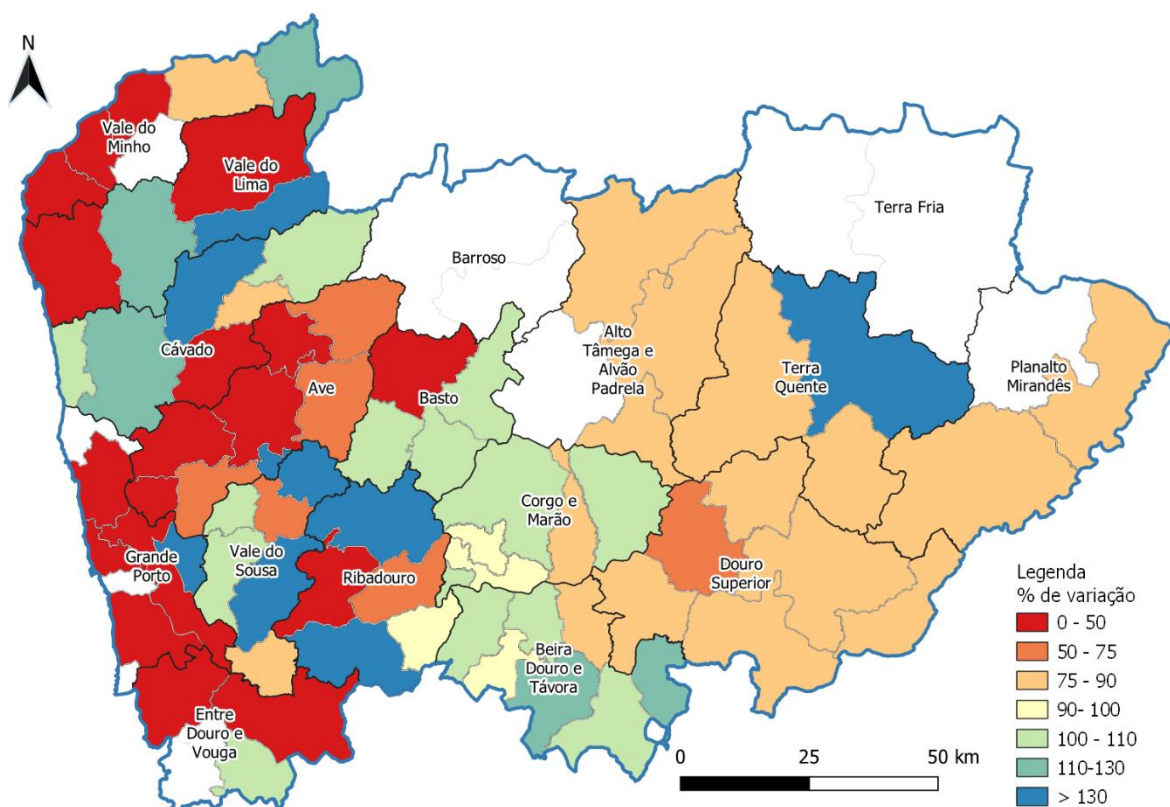


Figura 30 - Aspeto da uva antes da vindima, setembro de 2023 - Rio Frio, Bragança.



Figura 31 - Aspeto da uva antes da vindima, setembro de 2023 - Rebordelo, Vinhais.

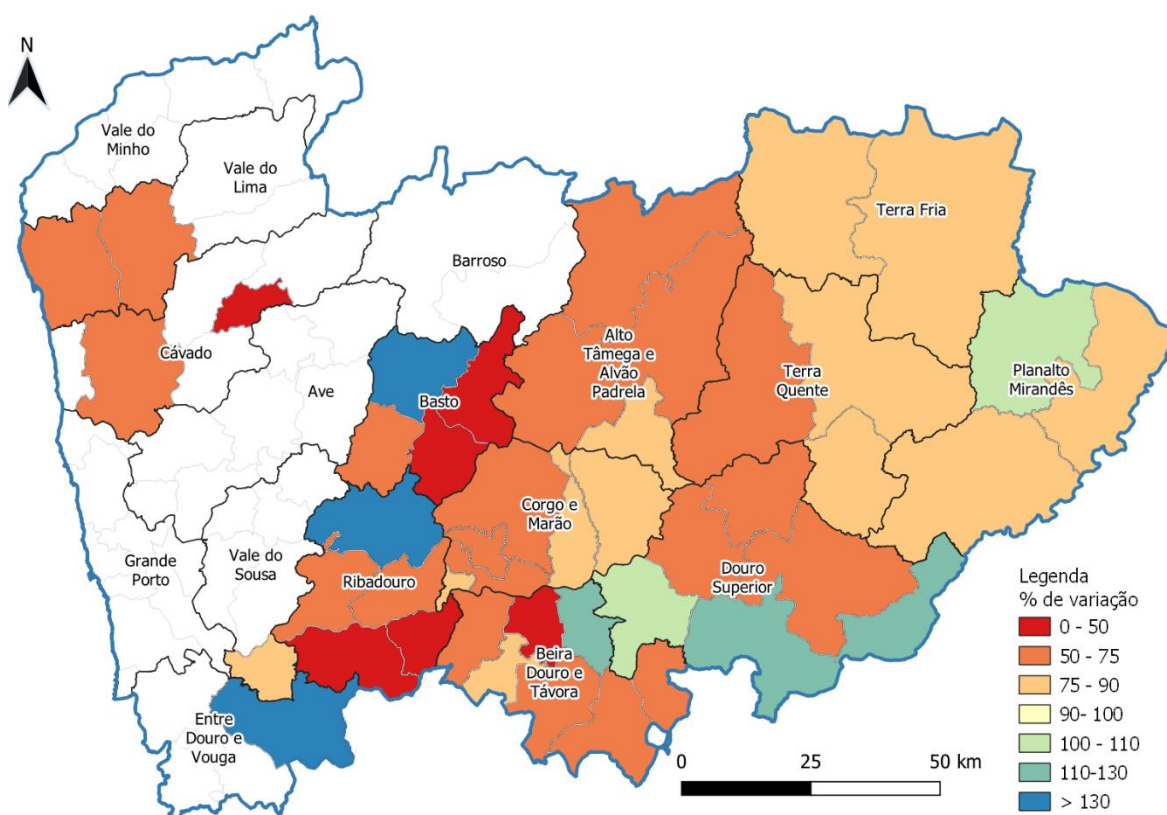
A produção vitícola foi muito heterogénea dentro das zonas produtoras, Região dos Vinhos Verdes, Douro, Távora e Varosa e Trás-os-Montes (Mapa 8), embora por diferentes razões. No caso dos Vinhos Verdes, a produção afastou-se da média do quinquénio nas zonas de maiores infeções de míldio. Já no caso da Região Vitícola do Douro e Trás-os-Montes, a maior ou menor situação de seca ditou o afastamento ou a aproximação á produção do quinquénio.



Mapa 8 - Evolução da produção global de uva para vinho por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

8. Azeitona para azeite e de mesa

A produção de azeitona, quer para azeitona de mesa, quer para azeite, sofreu um aumento considerável, de 36% no total. Embora tenha havido este aumento significativo, as 69,3 mil toneladas de azeitona para azeite ainda estão longe das cerca de 86,6 mil toneladas da média do quinquénio 2019-2023. Note-se que 2020 e 2021 foram anos excecionais, com produções globais que atingiram, respetivamente, 113,5 mil e 117,7 mil toneladas. Em resultado, quando se compara a produção por município com a média do quinquénio, são mais os que apresentam produções inferiores a 75% neste indicador do que os que ultrapassam a média do quinquénio (Mapa 9).



Mapa 9 - Evolução da produção global de azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

8.1 Entre Douro e Minho

Com excecionais casos muito pontuais, o olival no EDM, que ocupa cerca de 988ha (0.4% da SAU do EDM) é composto por árvores dispersas sendo que os lagares registados nesta sub-região costumam laborar azeitona proveniente de outras zonas do País, nomeadamente de Trás-os-Montes, mas também proveniente do Alentejo por razões económicas de viabilização dos custos de operação dos lagares, assim como para satisfazer as encomendas dos seus clientes.



Figura 32 - Oliveira com muitas inflorescências.

Foto por Aurora Venade



Figura 33 - Azeitona no chão, em Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho.

Em ano de safra observou-se que a presença de frutos vingados era muito superior à campanha anterior, portanto tudo apontava para um ano excelente, com previsão de aumento da produção. Principalmente porque a campanha de 21/22 foi muito fraca. A azeitona colhida em setembro e inícios de outubro apresentou uma boa qualidade, e a maioria dos olivais tinha uma boa carga de fruto. No entanto, devido às oscilações climáticas, a azeitona secou e murchou, e em finais de outubro, com a chuva a azeitona que ainda não tinha sido colhida amoleceu e acabou por cair.

Apesar destas circunstâncias a produtividade do olival para azeite teve um aumento muito grande (+303%) por comparação com os valores verificados no ano anterior que foi um ano de contrassafra.

8.2 *Trás-os-Montes*

No ano agrícola de 2022/2023, durante o período de inverno ocorreram várias noites de formação de geada e ausência de precipitações.

Já o período primaveril de 2023 foram registadas condições meteorológicas bastante adversas para a cultura, com destaque para as intensas precipitações que ocorreram a partir de finais de maio e meados de junho, fase em que a oliveira se encontrava em plena floração.

A partir de meados de junho até início de setembro fizeram-se sentir temperaturas altas e a azeitona apresentava-se com calibres muito pequenos. No final do Verão as plantas estavam com deficiências hídricas muito significativas. No início do outono ocorreram vários dias de intensa precipitação que permitiu que a azeitona rapidamente tenha

melhorado os seus calibres, dando uma perspetiva de que existiria mais azeitona do que até então se tinha previsto.

Em finais de setembro, pontualmente, registaram-se alguns episódios de precipitação em forma de granizo que provocou prejuízos localizados.

As colheitas começaram a decorrer a partir de meados de outubro, para produção de azeite “picante” sendo que os rendimentos foram muito baixos, embora o preço do kg da azeitona fosse mais elevado.

A comercialização da azeitona iniciou-se com um preço mais alto que no ano anterior, tendo-se mantido estável durante algumas semanas, mas quando se verificou uma diminuição da oferta, o seu preço ainda sofreu aumentos significativos (Gráfico 11).

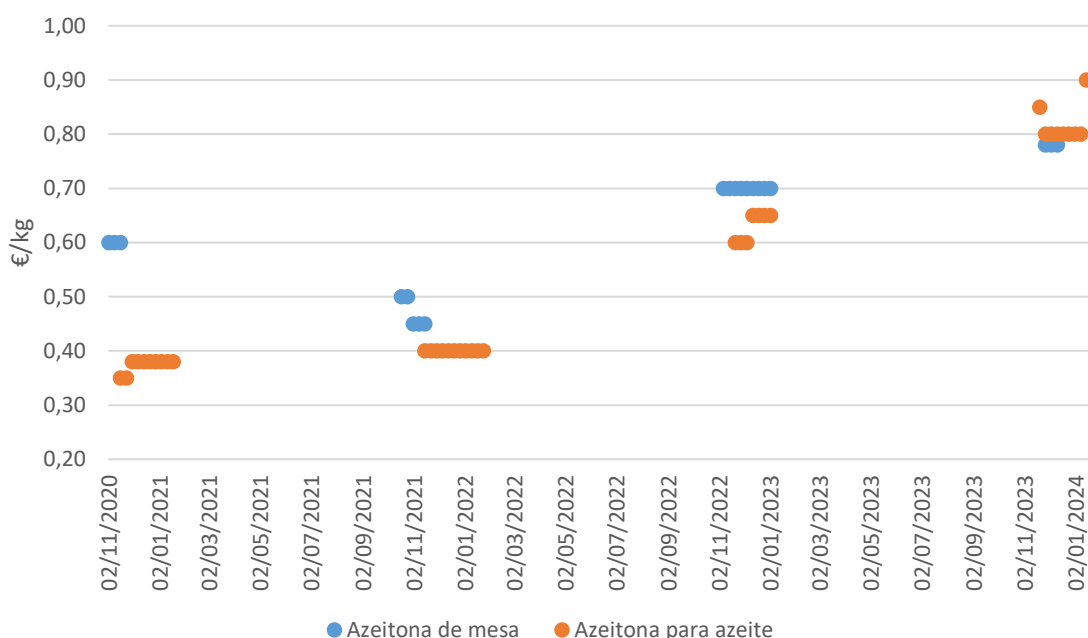


Gráfico 11. Médias ponderadas das cotações (saída de produção) mais frequentes da azeitona para azeite na área de mercado de TM.

Fonte: DRAPN - Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Resumidamente, as condições meteorológicas foram desfavoráveis à floração/vingamento dos frutos. As chuvas ocorridas na fase da floração, não permitiram um vingamento eficiente. As chuvas ocorridas no mês de outubro permitiram uma recuperação da produção, aumentando o tamanho e peso da azeitona. Em contrapartida os rendimentos tiveram um percurso inverso, tendo diminuído cerca de 15%. Embora a produção de azeite tenha aumentado mais do que 30% em relação ao ano anterior, o seu valor ainda está aquém em cerca de 20% em relação à média do último quinquénio.



Figura 34 - Olival em regime sequeiro, aspeto azeitona - Vila Nova, Bragança.



Figura 35 - Aspeto da azeitona, olival tradicional regime sequeiro - Izeda, Bragança.



Figura 36 - Aspeto do azeite - Izeda, Bragança.



Figura 37 - Aspeto do azeite - Sanceriz, Bragança.

1. Prados, pastagens e culturas forrageiras

8.3 Entre Douro e Minho

O ano agrícola correu de feição para as culturas forrageiras, nomeadamente para os milhos silagem. No início do ciclo vegetativo as forragens anuais tiveram o seu desenvolvimento vegetativo condicionado devido ao encharcamento dos solos, que provocou asfixia radicular em muitas áreas, levando à morte de algumas espécies, como a aveia. Realça-se a dificuldade que houve na finalização do corte das ervas, devido aos frequentes períodos de chuva.

O agregado das culturas forrageiras (milho forrageiro, sorgo forrageiro, aveia forrageira, azevém anual, consociações anuais e pastagens temporárias) somam uma área total de cerca de 76200ha que representam cerca de 30% da SAU do EDM pois são o principal suporte

alimentar do setor leiteiro uma das duas principais atividades económicas agrícolas, juntamente com a vinha, do EDM.



Figura 38 - Esquerda-Rolos de forragens embalados e à espera de serem recolhidos na zona de observação do Lima



Figura 39 - Medas no mesmo local de observação

Fotos por Sandra Coelho

As produtividades das forragens tiveram todas, uma tendência de diminuição (entre os -3% das pastagens temporárias e os -7% das consociações anuais) á exceção do milho forragem que teve um aumento (+4%) da sua produtividade.

As pastagens permanentes são sem dúvida a ocupação cultural mais importante no EDM onde os seus 104534ha representam 42% da SAU, englobando as pastagens permanentes melhoradas, semeadas e as pastagens pobres.

As pastagens apresentaram um bom desenvolvimento vegetativo devido á precipitação verificadas e temperaturas ao longo do ciclo vegetativo.



Figura 40 - Animais em pastoreio de montanha, na zona de observação do Lima

Foto por Sandra Coelho

Quando não existiu a possibilidade de pastoreio as diferentes espécies foram alimentadas com fenos, silagens e rações industriais sendo que este ano na alimentação das diferentes espécies pecuárias, recorreu-se mais ao alimento verde e menos a silagens, fenos e palhas, complementadas com rações comerciais. Porém, o consumo de rações comerciais foi em quantidades inferiores comparativamente ao ano anterior, devido ao aumento de preço. Registou-se alguma preocupação por parte dos agricultores sobre a possível escassez na alimentação, e a necessidade de adquirir a terceiros, situação esta que os deixou apreensivos, por causa dos custos adicionais. Outra preocupação registada por muitos agricultores é

porque acham que os apoios públicos vão sofrer cortes. As produtividades das pastagens foram idênticas aos valores verificados no ano anterior.

8.4 Trás-os-Montes

As condições meteorológicas foram favoráveis a um bom desenvolvimento destas culturas, tanto em regadio como em sequeiro na zona do Alto Tâmega e Alvão Padrela e Barroso que apresentam índices de pluviosidade superiores, melhorando assim as condições de alimentação dos efetivos pecuários, sobretudo quando comparado com o ano anterior (+18%).

No entanto, em toda a região transmontana, as pastagens permanentes melhoradas (lameiros), quer de sequeiro quer de regadio, as pastagens temporárias espontâneas ou semeadas e as pastagens pobres foram menos produtivas que o normal (cerca de 90% da média do quinquénio) e verificou-se um acréscimo pouco significativo quando comparado com o ano anterior (3%). A ausência de precipitação durante a primavera, quando o crescimento vegetativo das plantas herbáceas é mais significativo, e as diferenças acentuadas de temperatura durante o dia versos período noturno, dificultaram o desenvolvimento vegetativo, mais significativo na Terra Fria e Planalto Mirandês. O que se traduziu em pouca matéria verde e de baixa qualidade. No nordeste transmontano todos os produtores declararam que recolheram menos feno. Que só foram produtivos os lameiros localizados em zonas de aluvião e solos com disponibilidade hídrica. No geral nestas culturas ocorreu um decréscimo médio de produtividade de 5%, quando comparado com o ano anterior, e de 15% quando comparado com o normal para a região. Os produtores pecuários recorreram aos alimentos grosseiros e aos concentrados. A escassez de feno no mercado nacional, e a baixa produção durante duas campanhas consecutivas, fez o preço do mesmo aumentar e levou à procura externa. É frequente ouvir declarações de grandes produtores pecuários, que adquirem alimentos grosseiros tais como aveia em fardo com grão, palha de centeio e feno, vindo de Espanha ou de França. No decorrer do ano houve necessidade de recorrer a maior quantidade de concentrados (rações) como alimento complementar para alimentar o efetivo pecuário e suprimir a falta de alimentos grosseiros.

As culturas forrageiras, misturas de cereais com leguminosa (Figura 41 e Figura 42), também foram menos produtivas e segundo os produtores pecuários as silagens tinham menor qualidade.



Figura 41 - Cultura forrageira mistura de tritcale com leguminosas em 16 mai. 2022 - Gostei, Bragança.



Figura 42 - Cultura forrageira mistura de tritcale com leguminosas em 25 mai. 2023 (mesma parcela)



Figura 43 - Pastagem Permanente de regadio a 17 maio de 2022- Cova de Lua, Bragança



Figura 44 - Pastagem Permanente de regadio a 25 maio de 2023, mesma parcela.



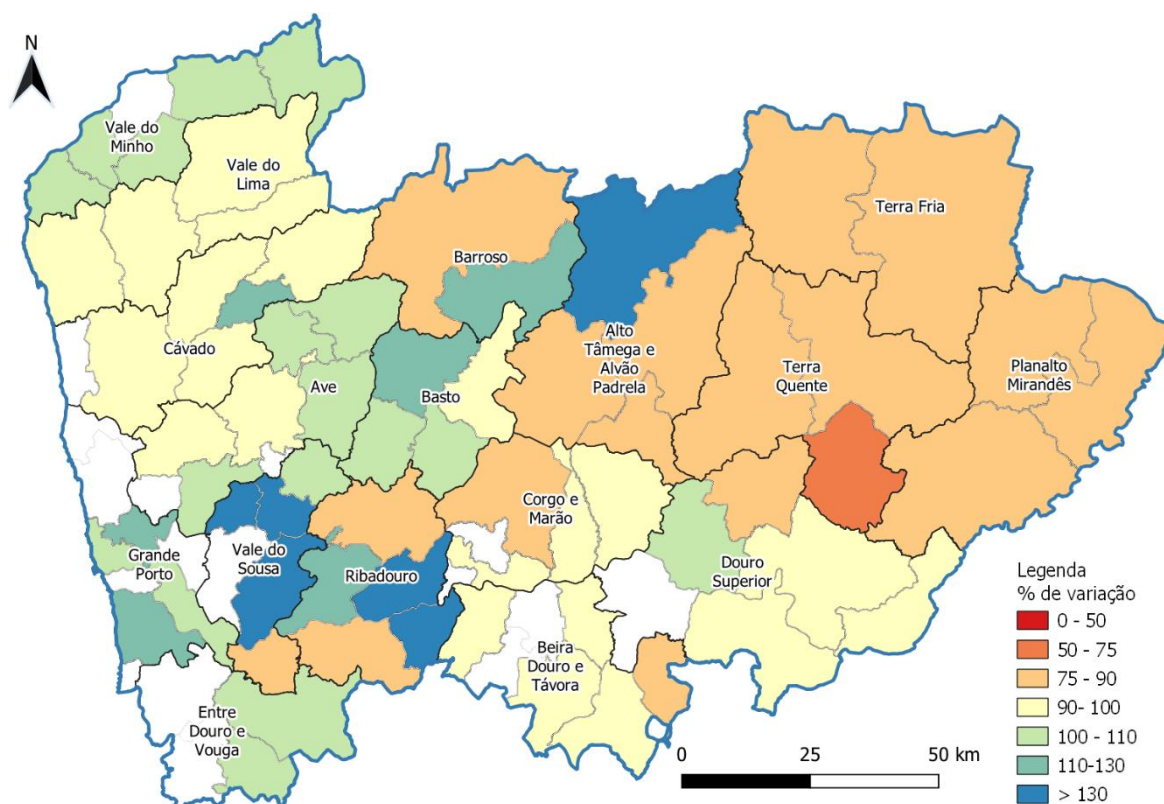
Figura 45 - Pastagem Permanente de sequeiro, 17 maio 2022, Gimonde, Bragança
Fotos por Anabela Coimbra



Figura 46 - Pastagem Permanente de sequeiro, 24 maio 2023 (mesma parcela)

Como é possível observar no Mapa 10, é igualmente visível uma clivagem entre as Regiões Agrárias do EDM e TM no que concerne à produção de forragem nos prados permanentes

melhorados. Enquanto que no litoral as produções estão dentro ou mesmo a cima da média do quinquénio, os prados permanentes da Região do Nordeste apresentam, pelo segundo ano consecutivo, diferenças acentuadas para esse valor médio.



Mapa 10 - Evolução da produção global de pastagens permanentes melhoradas por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2018/2019-2022/2023.

9. Fitossanidade

9.1 Entre Douro e Minho

No mês de março foi necessário aprofundar os tratamentos efetuados na prevenção da Escoriose na vinha e pomares.

Por causa das chuvas caídas, nos pomares de Kiwi foram efetuados tratamentos específicos na prevenção de bacteriose *Pseudomonas Syringae* pv. *Actinidiae* (PSA) e as vinhas onde se efetuaram tratamentos anti míldio e anti oídio.

Em maio, além dos tratamentos anti míldio e anti oídio, foi também necessário tratamento para a prevenção da podridão cinzenta pois apesar dos tratamentos efetuados nas vinhas, o míldio atacou de forma preocupante.

Nos pomares de mirtilo também muitos produtores efetuaram tratamentos contra a *Botrytis*.

Nos batatais devido a alguns focos de míldio e escaravelhos fizeram-se os tratamentos necessários ao seu combate. No milho, foi necessário tratar com inseticida a broca da cana. Houve muitos registos de alfinete nesta cultura.

Nos pomares de Kiwi verificou-se ao alastramento da bactéria PSA, resultado das temperaturas adequadas ao aumento do risco de infeção.



Figura 47 - Bacteriose do Kiwi (PSA), na zona de observação do Lima
Foto por Sandra Coelho

Em agosto verificaram-se alguns escaldões em diversas culturas permanentes, assim como alguma podridão cinzenta nos cachos, apesar do aumento significativo do número de tratamentos fitossanitários preventivos e curativos.

Em relação às pomóideas, foram visíveis os sinais de pedrado de macieira, causado pelo fungo *Venturia inaequalis*.

Em novembro foram reportados muitos casos de mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) no caso dos citrinos e no kiwi. O ano terminou com tratamentos à base de cobre, principalmente nos citrinos.



Figura 48 - Pormenor dos sintomas em laranja picada pela mosca do mediterrâneo, Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Venade.

A estação de avisos do EDM emitiu 18 circulares ao longo de todo o ano onde foi reportando a evolução da ocorrência de pragas e doenças nas culturas mais importantes do EDM.



Figura 49 - Míldio no cacho e *manchas de óleo* na folha da videira, em maio, em Monção, zona de observação do Minho.

Foto por Aurora Venade



Figura 50 - Míldio de verão (Rot Brun), em vinha cuja produção foi muito afetada.

Foto por Aurora Venade.



Figura 51 - Necroses ao nível do pedúnculo e bago, provocadas pelo míldio, e cacho com desavinho, julho em Monção, zona de observação do Minho.

Fotos por Aurora Venade



Figura 52 - *Botrytis* no cacho, em vinha da casta "Alvarinho" em agosto, em Valença, zona de observação do Minho.



Figura 53 - Escaldão, em vinha da casta "Alvarinho" em agosto, em Monção, zona de observação do Minho.

Foto por Aurora Venade



Figura 54 - Sinais de bichado da macieira, zona de observação do Lima

Foto por Sandra Coelho



Figura 55 - Azeitonas com vestígios de picada da mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*), em Ponte de Lima, zona de observação do Lima

Fotos por Sandra Coelho

9.2 Trás-os-Montes

Não obstante a instabilidade meteorológica que marcou o ano de 2023, em termos fitossanitários não houve grandes ocorrências, em parte por se ter revelado um ano particularmente quente e seco, com reduzido impacto das doenças nas diferentes culturas agrícolas.

Registamos apenas algumas perdas associadas a episódios de queda de granizo no final do mês de maio/início de junho, que obrigaram os produtores agrícolas a realizarem tratamentos com adubo foliar rico em cálcio (promovendo a cicatrização das “feridas” provocadas nas plantas) nas vinhas e nos pomares.

Para além disso, houve também necessidade de proteger as culturas contra o efeito dos “escaldões” provocados durante as ondas de calor que se fizeram sentir em determinados locais a partir do mês de abril. Nesse sentido, grande parte dos proprietários de culturas permanentes (nomeadamente pomóideas) fizeram aplicações de caulino nos seus pomares.